



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

PEFNA LUÍS TCHUDA

**PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO NA GUINÉ-BISSAU: CONSIDERAÇÕES SOBRE
A ORGANIZAÇÃO DA GRAFIA DA LÍNGUA GUINEENSE**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

PEFNA LUÍS TCHUDA

**PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO NA GUINÉ-BISSAU: CONSIDERAÇÕES SOBRE
A ORGANIZAÇÃO DA GRAFIA DA LÍNGUA GUINEENSE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Tchuda, Pefna Luis.

T252p

Planejamento linguístico na Guiné-Bissau: considerações sobre a organização da grafia da língua Guineense / Pefna Luis Tchuda. - Redenção, 2023.

79fl: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Instituto de Humanidades e Letras/Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira.

1. Política Linguística. 2. Planejamento linguístico. 3. Guiné-Bissau. I. Silveira, Prof. Dr. Alexandre Cohn da. II. Título.

CE/UF/BSCA

CDD 411

PEFNA LUÍS TCHUDA

**PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO NA GUINÉ-BISSAU: CONSIDERAÇÕES SOBRE
A ORGANIZAÇÃO DA GRAFIA DA LÍNGUA GUINEENSE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 30 de janeiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira - Orientador

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos - Examinador

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre - Examinadora

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Dedico este trabalho aos meus pais que me ensinaram o valor da palavra acreditar, que a demarcação à busca de um sonho sempre é acreditar em você mesmo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus e aos meus ancestrais pela minha vida e por permitir que meus objetivos fossem alcançados ao longo de todos os meus anos de estudos.

Aos meus pais: Luís Tchuda e Isabel Imbera Sanha Tchuda que me apoiaram e me incentivaram nos momentos difíceis, compreenderam quanto é difícil a vida de estudante enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

À familiares, pelo apoio material e moral, encorajamento e confiança que depositaram em mim, principalmente, ao meu irmão mais novo Sagna Luis Tchuda. Também, agradeço meu tio Salifo N'tigue Nhate pelo e meu primo Francisco Tugna Nhaga pelo apoio e compartilhar conhecimento comigo. Agradeço especialmente a minha sobrinha Alamada Bidiandé pela ajuda e companheirismo durante essa longa jornada de estudos.

À UNILAB, pela oportunidade de me graduar em Letras Língua-Portuguesa, especialmente ao governo brasileiro pelo projeto da cooperação entre Brasil e os países africanos da língua portuguesa.

Ao meu orientador Alexandre Cohn da Silveira, agradeço pela orientação, encorajamento e confiança, mesmo diante de tanto contratempo, ele tem desempenhado tal função com dedicação e amizade.

Aos professores, especialmente a Profa. A Dra. Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre da UNILAB/Campus dos Malês – BA, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação ao longo do curso.

Aos meus colegas de turma, de modo especial por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo deste percurso.

À minha amiga Nadesda Augusto Monteiro, por todo o apoio e pela ajuda, me ofereceu notebook que muito contribuiu para a realização deste trabalho e a todos que participaram, direta ou indiretamente no meu processo de aprendizado.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa realiza-se em uma indagação sobre Planejamento Linguístico na Guiné-Bissau: considerações sobre a organização da grafia da língua guineense. Em um cenário sociolinguístico plural, em que línguas e culturas africanas compartilham o espaço com a língua guineense –língua considerada franca no país – e com a língua portuguesa (LP) como única língua oficial e de poder, na Guiné-Bissau, as políticas linguísticas implementadas nesse território envolvem um processo de apagamento no contexto sociolinguístico e cultural no país, isto é a comunidade linguística nacional ficou sob o domínio da língua de colonização. Nesse aspecto, sabe-se que o guineense para além de ser a primeira língua da maioria da população, ele possui o seu alfabeto e a sua própria grafia. Dessa feita, o objetivo geral deste trabalho centra-se em identificar tipos de grafias nas esferas que geram comunicação na língua guineense. Ademais, objetivos específicos estão em pauta a conhecer a história e o surgimento da grafia guineense (questões lexicais e origem das palavras) e analisar as possíveis formas de escritas que existem nessa língua. A partir desse contexto, constata-se que foi utilizada a metodologia dedutiva, pois partimos de alguns conceitos teóricos e, em seguida, foram estudados os dados. É ainda necessário asseverar que partimos da hipótese de que no trabalho verificou-se a predominância da política linguística portuguesa, assim gerou pouco interesse por parte do Estado (governo) na uniformização das grafias do guineense e na elaboração dos planejamentos para adoção dessa língua no sistema do ensino.

Palavras-chave: política linguística; planejamento linguístico; Guine-Bissau.

RUSUMU

E tarbaju i fasidu na um punta sobri Planejamentu linguistiku na Guiné-Bissau: konsiderason sobri organisason di skirbi na lingu guineense. Na junta di lingus mangadel ku kultur as afrikanas e dividi spaso ku lingu guineense- lingu konsideradu di tudu jintis di tchon- i ku lingu purtuguis (LP) suma uniku lingu ofisial i di puder, na Guiné-Bissau, pulitika linguistiku ku pudu nes tera i fasi diskisi manjuandadi ku lingu i kultura na tchon, i di kuma, kumunidadi linguistiku di tchon fika bas di kil di kolonisason. Nes aspetu, i sibidu guineense par lem di sedu purmeru lingu di manga di pupulason, el i tene si alfabetu i si propi manera ki ta skirbid. Pa kila, objetivu geral des tarbadju i pa indentika koldadis di skirbi ku ta junta kumunikason na lingu guineense. Utru objetivu spesifikus e sta pa kungsi storias i kuma ki surgimentu di skirbi guineense (na kistons di lexikus ku origem di palabras) i analisa pusivel forma di skritas ku ku tem nes lingu. A paritir des kontestu, i ojadu kuma i utilisadu metodologia dedutiva, apus no kunsu di alguns konsetus teorikus no bai, e studa dadus. I necessario inda fala di kuma no kunsu di hipotese di kuma tarbaju verifikadu ku existencia di predominancia di pulitika linguistika di purtuguis, asin i tisi puku nteres pa parti di Stadu (gubernu) na junta tudu koldadi di skirbi di guineense i labra planejamento pa pui es lingu na sistema di nsinu

Palabras-chabi: pulitika linguística; planejamentu linguística; Guine-Bissau.

ABSTRACT

The present research work is carried out in an inquiry about Linguistic Planning in Guinea-Bissau: considerations on the organization of the spelling of the Guinean language. In a plural sociolinguistic scenario, in which African languages and cultures share space with the Guinean language – a language considered frank in the country – and with the Portuguese language (LP) as the only official and power language, in Guinea-Bissau, language policies implemented in that territory involve a process of erasure in the sociolinguistic and cultural context in the country, that is, the national linguistic community was under the domain of the language of colonization. In this respect, it is known that Guinean, in addition to being the first language of the majority of the population, has its own alphabet and spelling. This time, the general objective of this work focuses on identifying types of spellings in the spheres that generate communication in the Guinean language. In addition to specific objectives, it is on the agenda to know the history and emergence of Guinean spelling (lexical issues and the origin of words) and to analyze the possible forms of writing that exist in this language. From this context, it appears that the deductive methodology was used, as we started from some theoretical concepts and then the data were studied. It is also necessary to assert that we started from the hypothesis that the work verified the existence of a predominance of Portuguese language policy, thus generating little interest on the part of the State (government) in standardizing the spellings of Guinean and elaborating plans for the adoption of this language in the system of teaching.

Keywords: linguistic policy; linguistic planning; Guinean-Bissau.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

C.E.V.V.M. – Centro Educativo Vitor Vaz Martins

LGDH – Liga Direito Humano Guineense

CNPN – Comité Nacional para o Abandono das Práticas Tradicionais Nefastas e saúde da mulher e a criança

CCFB – Centro Cultural Franco Bissau

CCBB – Centro Cultural Brasileiro da Guiné-Bissau

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

CEDEAO – Comunidade Económica do Estados da África Ocidental

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,

CEEF – Centro Experimental de Educação de Formação

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 | CAPÍTULO I: CONTEXTO HISTÓRICO E LINGUÍSTICO DA GUINÉ-BISSAU | 14 |
| 2.1 | POLÍTICAS LINGUÍSTICAS GUINEENSES – DO PERÍODO COLONIAL À ATUALIDADE | 16 |
| 2.2 | O “LUGAR” DO GUINEENSE NA SOCIEDADE | 20 |
| 2.3 | EU E MINHAS QUESTÕES LINGUÍSTICAS | 21 |
| 3 | CAPÍTULO II: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO DO GUINEENSE | 27 |
| 3.1 | SOBRE O PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO PARA A LÍNGUA GUINEENSE | 27 |
| 3.1.1 | Planejamento linguístico do guineense | 31 |
| 3.1.2 | A importância da uniformização da grafia do guineense | 32 |
| 4 | CAPÍTULO III: CONSIDERAÇÕES SOBRE O LÉXICO GUINEENSE | 39 |
| 4.1 | O LÉXICO DO CRIOULO GUINEENSE E A ORIGEM DAS PALAVRAS GUINEENSES | 42 |
| 4.2 | ORTOGRAFIA GUINEENSE | 46 |
| 5 | CAPÍTULO IV: A COLETA E AS ANÁLISES DOS DADOS | 49 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 75 |
| | REFERÊNCIAS | 77 |

1 INTRODUÇÃO

Linguisticamente, a Guiné-Bissau é considerada uma nação plurilingue com mais de três dezenas de línguas africanas e, entre essas línguas usadas nesse território, o guineense tem papel fundamental na época colonial do país e se tornou a língua da unidade nacional. Embora a sua política linguística da nação guineense seja dominada pela política dos colonos, o guineense aprimorou o desempenho sociolinguístico interétnico após a independência, tornando-se a língua com maior número de falantes.

Desta feita, as teorias em torno da escrita do guineense¹ são amplamente divulgadas e vão ganhando forma e se desenvolvendo em diferentes áreas de conhecimento. Assim sendo, em 1954, houve a primeira tradução da Bíblia Sagrada evangélica do português para o guineense. Em 1978, a primeira produção literária foi escrita em guineense pelo Francisco Conduto de Pina (*Garandesa di no Tchon*).

Apesar de que, para alguns teóricos, a manifestação da escrita havia sido realizada na forma de verso nas músicas tradicionais e modernas no guineense, talvez as primeiras produções tenham início na década 70 do século XX. Em 1990, foi escrita a primeira história em quadrinhos intitulada *Ntori Palan* (COSTA, 2014), posteriormente, aparecem várias obras literárias no guineense (poesias, músicas) e tradução do *Novo Testamento* da Bíblia Católica em 1991.

Tendo em vista esses aspectos, a grafia guineense está no centro da polêmica logo após a independência, pois era difícil partir de um pressuposto que valorizasse uma escrita em detrimento de outra, uma vez que as grafias das traduções e produções literárias foram feitas de forma diferentes.

Provavelmente, existem variações linguísticas na oralidade guineense (na fala) devido à heterogeneidade étnico-cultural que se encontra em Guiné-Bissau. Com tudo isso, a transmissão da mensagem ou da informação revela alguns rastros da origem étnica de quem fala. Similarmente esta situação da variação não ficou só na fala da língua guineense, pois também é vista nas produções escritas. Nesse sentido, considerando que o guineense é a língua de comunicação no país – e por razão de conveniência, em certos casos, é usado nas

¹ Nesse presente trabalho optamos a chamar o crioulo da Guiné-Bissau de “o Guineense”. De acordo com Embaló (2008, p.104), o guineense é a língua que possuiu maior número de falantes no território nacional, além disso, ela teve papel importante na luta armada pela independência, pois, dentre as línguas nativas, o guineense é a língua veicular e de unidade nacional, assim como na formação da identidade nacional. Dessa forma, chamar a língua de “guineense” reforça essa pertença identitária que trazemos em nosso trabalho.

escolas (nas salas de aula) e nos postos administrativos –, a variação na oralidade e na escrita é uma realidade no cenário sociolinguístico contemporâneo do país.

Dessa forma, é urgente observar os inventários ortográficos das escritas (fonemas e grafemas) baseadas nas produções literárias publicadas ao longo do tempo e nas traduções feitas do guineense. Então, o objetivo geral da presente pesquisa é identificar tipos de grafias nas esferas que geram comunicação na língua guineense. Com esse propósito, foram traçados os seguintes objetivos específicos: conhecer a história e o surgimento da grafia guineense (questões lexicais e origem das palavras) e analisar as possíveis formas de escritas que existem nessa língua.

Deste modo, é notório que a hipótese desse trabalho se baseia na resolução da política linguística no país, na questão de poder e da língua, pois, até data presente, ainda hoje não existe uma grafia padronizada para essa língua, que seja adotada por todos, enquanto a primeira língua mais falada do país. Sendo assim, por mais que existam alguns trabalhos produzidos em guineense, ainda está tendo discussão enorme e difícil na decisão na padronização dessa língua.

Portanto, a nossa pesquisa parte de uma indagação, a saber: em que são baseadas as produções escritas encontradas em guineense? Essas produções serão analisadas neste trabalho. Logo, faremos uma proposta a partir das escritas analisadas do guineense e uma advertência ao governo da Guiné-Bissau, sobre estratégia na adoção de medidas amplas para uniformização das grafias, assim com o acompanhamento dessa escrita para a possível padronização.

Em suma, o trabalho será construído por três partes em que o primeiro capítulo apresenta o contexto histórico e linguístico da Guiné-Bissau, levando em consideração a construção sociocultural antes e após a independência; o segundo capítulo refere-se às considerações sobre planejamento linguístico do guineense, isto é, entender a necessidade da língua guineense na sua reestruturação a partir dos planejamentos linguísticos (de *status* e de *corpus*). Em vista disso, destacamos, no terceiro capítulo, as considerações sobre o léxico do guineense, ressaltando a origem das palavras do guineense, assim como a sua ortografia; logo o nosso quarto capítulo resulta da coleta e as análises dos dados.

2 CAPÍTULO I: CONTEXTO HISTÓRICO E LINGUÍSTICO DA GUINÉ-BISSAU

A Guiné-Bissau já era uma nação africana desde muito antes da chegada dos portugueses. Os primeiros povoadores da região foram os povos Balantas, Fulas, Manjacos, Papéis, Biafadas, Nalus, Mancanhas, Felupes, Bijagós, Djacancas, dentre outros. Dessa forma, o território foi subjugado pela influência do império de Mali, no século XIII, fato que se desenrolou do interior até na costa ocidental de África. Além disso, culminou com um dos seus reinos que passou a ter um estatuto de império devido às suas conquistas nas regiões de Senegal, Gâmbia e Guiné-Conakry. O reino Gabu adquiriu o seu status de império depois de conquistar a sua batalha contra o império Mali. De acordo com Handem (1986, apud Intumbo, 2007, p.10): “Alguns fugiram por volta de 1490 e 1500 da região de Fouta Djalon, na atual Guiné-Conakry, para a região de Gabú, na atual Guiné-Bissau”.

De acordo com Artemisa Odila Candé Monteiro (2011, p.225), em meados de 1446, o navegador Álvaro Fernandes penetrou no litoral de Senegâmbia (atual Guiné-Bissau), nas costeiras do Atlântico e deu o início à invasão dos portugueses no solo da Guiné. Depois de um século, construíram a base administrativa na região norte, na cidade de Cacheu, e construíram alguns entrepostos de trajetória a partir dos rios São Domingos e Cacheu, dando acesso para a zona central, Farim e Buba, e para o sul do território. Os portugueses não tinham a intenção de ocupar toda localidade, por isso, montaram uma estratégia, ou seja, identificaram os lugares que facilitariam a circulação e a regência local. Porém, na época, o centro administrativo era instalado em Cabo Verde e o território guineense simplesmente funcionava como uma província. Razão pela qual Cacheu é conhecida como ponto referencial de contato dos portugueses no interior da Guiné, assim como da província da Guiné para com Cabo Verde.

Na altura, a polinização da colonização não atingiu todo o território, no entanto o processo seria mais intenso nos finais do século XIX, sendo a Guiné chamada de “Guiné portuguesa” ou “província de ultramar”, devido a presença de alguns funcionários portugueses. A Guiné portuguesa (atual Guiné-Bissau) é o último dos territórios colonizados por Portugal na fila na implementação do processo de ensino entre os países africanos, porque o interesse dos colonizadores na Guiné era simplesmente a exploração.

Ou seja, o território era visto como colônia de exploração, não de ocupação (não construíram grandes infraestruturas de qualidade como nos outros países colonizados). Desta feita, a política de ensino era outra em que havia muito mais estratégias de dominação, instruindo certos grupos de pessoas que serviram de intermediários para facilitar o controle

dos povos e do território, e colocaram na mente do povo que falar a língua dos colonizadores é sinônimo de civilização, merecendo, a pessoa falante do português, todo prestígio na sociedade. Por outro lado, podemos entender que a ideologia trazida para a sociedade guineense na época era a de valorizar a língua e a cultura da Europa:

Não havia a intenção de instruir ou educar as populações subjugadas, mas pelo contrário, extrair do seu seio uma minoria de homens letrados, indispensáveis para o funcionamento do sistema colonial de espoliação e reduzi-los a uma assimilação que devia retirar-lhes qualquer possibilidade de desvendar o processo de docilização, despersonalização a que estavam submetidos (CÁ, 2000, p. 5, apud NAMONE 2014, p. 38).

A partir desse contexto, a intervenção linguística dos portugueses perpassa pela necessidade da exploração e a promoção da cultura europeia como essência do povo da Guiné-Bissau. Por certo, foi um processo de apagamento. Os colonos levaram a igreja católica e introduziram a educação a partir do modelo de evangelização, com o propósito de implementar a dito “civilização”, isto é, a cultura e costumes tradicionais africanos (nesse caso da Guiné-Bissau) são associados pelos portugueses e assimilados (convertidos ou chamados de elites) com a ignorância. Quer dizer, a compreensão posta pelos colonizadores era incentivar aos colonizados a hegemonia da civilização ocidental.

Tendo em vista esses aspectos citados acima, o país passa por sucessivos problemas políticos, o que interrompe a disposição dos governantes na tomada da decisão sobre planejamento linguístico. A Guiné-Bissau, apesar de ser um país multilíngue, com dezenas de grupos sociais (étnicos), possui a língua guineense (crioulo) como a mais falada do país. Essa língua desempenha papel fundamental na comunicação de boa parte de povos da Guiné-Bissau, a qual serve como a língua expressada pelas pessoas da mesma família assim como de outros grupos sociais. Dessa feita, essa língua é considerada como a língua da unidade nacional, decerto que a sua frequência é vista de uma forma mista com as outras línguas nas zonas rurais, enquanto nas grandes cidades a utilização do guineense é a prioridade.

A Guiné-Bissau, pós-independência e nos tempos atuais, superou bastante ao inovar o comportamento linguístico, sobretudo na construção e na manutenção de hierarquia da língua no qual domina os órgãos de comunicação sociais, Assembleia Nacional Popular (ANP), nos Quartéis Gerais (QG), e nas tomadas das decisões nas reuniões do governo (conselho de ministros). Em suma, nas aldeias mais distantes das regiões, a língua guineense hoje em dia, é como a segunda língua de povos. Por exemplo, em Gã Tumane, tem o povo Biafada, mas o guineense é falado quando deixam de falar a primeira língua. Enquanto que,

em algumas cidades, pode-se encontrar as pessoas que se identificam com a língua guineense como a sua língua materna² porque nem sabem falar a língua da origem.

2.1 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS GUINEENSES – DO PERÍODO COLONIAL À ATUALIDADE

Primeiramente, é importante dizer que políticas linguísticas são poderes vinculados nos diversos âmbitos das práticas sociais em relação às funções da língua, isto é, são as prudências e precauções sobre uso da língua em relação a instruções linguísticas em âmbito nacional ou internacional de um país.

A política linguística guineense no período colonial era, como nos demais setores, políticas lusitanas para a “administração” da colônia. Fazia-se de conta que o crioulo não existia. Houve um silenciamento, e o silenciamento tem como causa a ideia de que toda interferência linguística das línguas locais consiste em uma deformação. Um dos efeitos desta atitude é a definição corrente do crioulo como “português mal falado” impingido pela ideologia colonialista e assimilada pelos próprios colonizados que continuam repetindo até hoje que “*kriol i portugis mal papiado*”. Por outro lado, a política linguística, administrativa e econômica da Guiné-Bissau é dominada pela política externa, ou seja, a política de outro país, no caso, de Portugal. Desta forma, o país precisa de uma estratégia muito forte na questão da língua guineense no seu todo e especialmente na área das políticas linguísticas. (COUTO, 2010, p. 51)

Entretanto, apesar dos esforços portugueses em silenciar as línguas locais da Guiné-Bissau, o guineense se tornou um fator de coesão interétnica na luta contra os inimigos comuns. Consequentemente, na época Cabral valorizava mais a língua portuguesa para o ensino de que as línguas africanas sobretudo o guineense (crioulo).

A língua é um instrumento que o homem criou [...] até o dia, um que de fato tendo estudado profundamente o crioulo possa passar a escrever o crioulo [...] para a ciência o crioulo ainda não serve. Em crioulo não há (recurso para expressar ideias como “raiz quadrada de 36”, “aceleração da gravidade”, “a lua é um satélite natural”), temos que dizer em português, nas línguas nativas menos ainda. Como é que se diz raiz quadrado em balanta? (CABRAL, 1976, apud Couto, 2008, p. 53)

Em virtude dessa fala, entendemos que o guineense é uma língua africana, mas o discurso que ela não pode ser aplicada no desenvolvimento do conhecimento científico, como

² Entendemos, neste trabalho, “língua materna” como aquela que se aprende em casa, no seio familiar.

a língua portuguesa, é um discurso equivocado. Se voltarmos à história da origem da língua portuguesa desde o latim vulgar, passando pelas influências diversas, como a do galego e do árabe, podemos perceber que o idioma passou por um processo semelhante de hibridismos e empréstimos linguísticos. O português não surgiu com todo o repertório linguístico para expressar a linguagem científica, mas passou por um processo de adaptação às necessidades de seus falantes.

No entanto, existe a ideia equivocada, de que tudo o que é dos ocidentais possui maior valia, o que baseia na política linguística propositada por Cabral, quando ele diz que “o crioulo seria uma ponte para chegar ao português”, ideia que existe na sociedade guineense até hoje.

Então, o grande problema é a falta de coerência entre os objetivos do poder dominante e a prática pelos povos. A Guiné-Bissau é uma nação plurilingue que tem uma língua de união (o guineense), cujo uso se ampliou entre diferentes povos durante a guerra de libertação nacional e que vem ganhando números de falantes em todos os espaços de território nacional depois da independência. Obviamente que esta língua precisava de uma definição estratégica nas resoluções axiomáticas para a sua oficialização e posteriormente como a primeira língua do ensino guineense.

Segundo Scantamburlo (2013, p.51), “o Crioulo Guineense superou a fase de inferioridade face ao Português, tornando-se no principal meio de comunicação [...] deste momento da história nacional”. Desse modo, após a independência, ou seja, até hoje, a língua guineense tem grande hegemonia em termos sociopolítico e econômico no país e é falada em grandes reuniões e nos serviços do dia a dia nos locais administrativos do governo, em notícias de rádios e nas sessões parlamentares da república da Guiné-Bissau.

Na Guiné-Bissau, atualmente, a língua portuguesa não possui números significativos de indivíduos que se autoproclamaram como falantes de português como a sua primeira língua. Nesse caso, como a língua oficial, o português tem duas principais importâncias à Guiné-Bissau: a língua de comunicação internacional do país e a língua de ciência.

Essa questão ideológica envolve a política na situação linguística da Guiné-Bissau, em que o Estado (governo) não assumiu a sua responsabilidade de garantir posicionamento sólido na questão do planejamento linguístico guineense. Pelo contrário, os profissionais e o governo aceitam abrir mão à oficialização do português, também como a língua de ensino, abdicando a ideia de criar uma estratégia sistemática à implementação do processo linguístico do guineense para ser oficializada e como a primeira língua de ensino.

Nikol'skij (1975, p.318 apud COUTO, 2008, p.48), confirmou que “política linguística é o conjunto de medidas que se tomam a fim de direcionar o processo linguístico e que são implementadas pela sociedade (pelo Estado)”. Entende-se que o planejamento linguístico da Guiné-Bissau não passa de uma convergência política. Acerca disso, reconhecemos que talvez fosse difícil encontrar essa convergência num país multilíngue. Ao passo que era mais compreensível o processo linguístico do país, razão pela qual, sendo um país multilíngue possuiu uma língua predominante considerada como a língua nacional.

Desta feita, no contexto da Guiné-Bissau, entende-se que o guineense tenha ocupado uma posição elevada no status linguístico no país, mas o Estado independente optou por uma política de exclusão e apagamento dessa língua ao adotar o português como a língua oficial, de poder, das corporações e do ensino. Nesse sentido, baseando na nossa leitura (NAMONE, 2014, p.92), corrompeu-se o processo da política e planejamento linguístico na Guiné-Bissau onde as pessoas continuam sendo assimiladas ao pensamento eurocêntrico, até ao ponto de o sistema de ensino guineense copiar o currículo escolar português. Do mesmo jeito, acontece com a própria Constituição da República, ou seja, até o sistema do governo é inspirado no de Portugal.

Dessa forma, depois da Independência, o guineense, que sempre possuiu grande espaço no território, é considerado como a língua nacional majoritária, sendo, certamente, a língua mais falada pelo povo e compreendida pelos números significativos de indivíduos no país. De acordo com dados estatísticos do Recenseamento Geral Da População e Habitação (2009, p.36-37), falando da população de nacionalidade guineense, segundo suas línguas faladas por etnia, nota-se que em todas as línguas de povos que existem no país, a língua mais falada é o guineense (crioulo), com 90,4% de falantes. Em seguida, vem o português, com 27,1%, e o francês, com 5%. Isso indica que o guineense é uma língua fundamental no contexto de todas as línguas de povos guineenses, com percentagens oscilantes entre 89,2% e 93,2%, sobretudo entre os povos Balanta, Mané e Mancanhas. Segue o quadro a seguir:

Quadro 1

Quadro 6
População de nacionalidade guineense segundo línguas faladas por etnia

| Etnia | Total | Línguas faladas | | | | | | | | | | | | | |
|--------------|---------|-----------------|------|------------|------|----------|------|--------|------|-----------|-----|-------|-----|--------------|-----|
| | | Crioulo | | Portuguesa | | Francesa | | Inglês | | Espanhola | | Russa | | Outra Língua | |
| | | Efect. | % | Efect. | % | Efect. | % | Efect. | % | Efect. | % | Efec. | % | Efec. | % |
| Total | 1442227 | 1303743 | 90,4 | 390727 | 27,1 | 73883 | 5,1 | 42194 | 2,9 | 6946 | 0,5 | 2104 | 0,1 | 25642 | 1,8 |
| Sem Etnia | 32098 | 29070 | 90,6 | 14515 | 45,2 | 6710 | 20,9 | 3462 | 10,8 | 926 | 2,9 | 241 | 0,8 | 1144 | 3,6 |
| Balanta | 323948 | 293983 | 90,8 | 79209 | 24,5 | 9172 | 2,8 | 7280 | 2,2 | 864 | 0,3 | 344 | 0,1 | 4091 | 1,3 |
| Fula | 410560 | 367089 | 89,4 | 82370 | 20,1 | 17297 | 4,2 | 7383 | 1,8 | 1279 | 0,3 | 343 | 0,1 | 5909 | 1,4 |
| Mandinga | 212269 | 189907 | 89,5 | 39513 | 18,6 | 6727 | 3,2 | 4200 | 2 | 750 | 0,4 | 202 | 0,1 | 4648 | 2,2 |
| Manjaco | 119808 | 109384 | 91,3 | 45681 | 38,1 | 10962 | 9,1 | 5492 | 4,6 | 858 | 0,7 | 233 | 0,2 | 3626 | 3 |
| Mancanha | 44829 | 41790 | 93,2 | 27113 | 60,5 | 6637 | 14,8 | 3630 | 8,1 | 636 | 1,4 | 223 | 0,5 | 364 | 0,8 |
| Papel | 130651 | 119659 | 91,6 | 50290 | 38,5 | 7934 | 6,1 | 6061 | 4,6 | 874 | 0,7 | 263 | 0,2 | 1510 | 1,2 |
| Bijagós | 30294 | 27667 | 91,3 | 10402 | 34,3 | 1474 | 4,9 | 831 | 2,7 | 142 | 0,5 | 45 | 0,1 | 1362 | 4,5 |
| Beafada | 50543 | 45941 | 90,9 | 14999 | 29,7 | 1944 | 3,8 | 1286 | 2,5 | 238 | 0,5 | 75 | 0,1 | 609 | 1,2 |
| Felupe | 24892 | 22912 | 92 | 9637 | 38,7 | 1930 | 7,8 | 797 | 3,2 | 63 | 0,3 | 22 | 0,1 | 472 | 1,9 |
| Mansoanca | 20456 | 18596 | 90,9 | 6002 | 29,3 | 785 | 3,8 | 612 | 3 | 85 | 0,4 | 32 | 0,2 | 963 | 4,7 |
| Balanta Mane | 14460 | 12902 | 89,2 | 2733 | 18,9 | 450 | 3,1 | 211 | 1,5 | 31 | 0,2 | 16 | 0,1 | 482 | 3,3 |
| Nalu | 13420 | 12300 | 91,7 | 3719 | 27,7 | 499 | 3,7 | 281 | 2,1 | 56 | 0,4 | 26 | 0,2 | 201 | 1,5 |
| Sussu | 5318 | 4801 | 90,3 | 1478 | 27,8 | 581 | 10,9 | 199 | 3,7 | 29 | 0,5 | 16 | 0,3 | 50 | 0,9 |
| Saracule | 7407 | 6741 | 91 | 2412 | 32,6 | 525 | 7,1 | 336 | 4,5 | 63 | 0,9 | 9 | 0,1 | 183 | 2,5 |
| ND | 1274 | 1001 | 78,6 | 654 | 51,3 | 256 | 20,1 | 133 | 10,4 | 52 | 4,1 | 14 | 1,1 | 28 | 2,2 |

Fonte: III RGPH 2009 p.37

O guineense não é uma língua homogênea, havendo, por exemplo, o “kriol di djiba” (guineense falado em Geba, região de Bafatá), “kriol di bolama” (guineense falado na região de Bolama e Bubaque), dentre outros. (SCANTAMBURLO, 2013, p. 35). Embora haja variações linguísticas entre as regiões que compõem o país, além das variações entre as etnias, o guineense é a língua mais falada em todo território, o que a transforma num símbolo de resistência cultural e linguística frente à língua portuguesa.

Segundo Embaló (2008, p. 104), o português, que predominou quase exclusivamente até aos anos 1980 na literatura nacional, vem perdendo espaço para o crioulo guineense, o qual passou a ter um número de falantes significativo e também a aparecer cada vez com mais frequência na produção literária, arte. Para isso, podemos confirmar que o guineense tem a sua escrita.

Isso significa dizer que, em termos de Planejamento Linguístico, o planejamento de corpus daquilo que chamamos “língua guineense” ainda é um trabalho a ser realizado como parte de uma Política Linguística que valorize a língua, a cultura e o povo da Guiné-Bissau. As iniciativas existentes são esforços individuais ou de coletividades religiosas, todas com seu valor e importância, mas sem a participação efetiva do Estado guineense. Dessa forma, a ausência dessas Políticas Linguísticas, em muito tem contribuído para que permaneça na mentalidade dos guineenses aquilo que no passado colonial era imposto.

2.2 O “LUGAR” DO GUINEENSE NA SOCIEDADE

Como foi dito, o guineense é a língua mais falada na Guiné-Bissau por todos e todas. Está nas comunicações cotidianas, nos mercados, nas mídias sociais, nas religiões, mas o lugar onde o guineense reina é a música. A música popular, as canções das *mandjuandadi*, os cantos guerreiros da luta armada de libertação, e na música moderna guineense (cujo precursor foi o músico e poeta José Carlos Schwarz). Também a língua está presente nas artes.

No que se refere aos programas da televisão, a língua portuguesa tem uma maior presença, o que se explica pela importação de programas – nomeadamente de Portugal e do Brasil – e pela fraca produção nacional. Perante este panorama, pode se dizer que o crioulo guineense está a se consolidar como uma língua de cultura, porquanto a ela recorrem os poetas, contistas e músicos para traduzirem o seu mais profundo sentir e restituírem ao “produto cultural” a sua verdadeira identidade.

Na educação da Guiné-Bissau, a língua guineense é proibida de ser falada nas instituições e nos ambientes escolares, ou seja, ela está presente como bidialetalismo³ de transição, isto é, só pode ser falada na sala de aula para fazer os alunos chegarem ao português. Segundo Namone (2014, p.93), “a manutenção de português como a língua do ensino, pois na prática, nem o crioulo e nem as línguas étnicas do país fazem parte do nosso sistema de ensino até hoje”. Expostas as considerações feitas pelo autor supracitado, a partir das quais chega à conclusão que a educação e o sistema de ensino do país precisam de uma reestruturação democratizada, com base na valorização do interesse da nação, sobretudo na sistematização e implementação da língua guineense no sistema do ensino.

Cabral, citado por Embaló (2008, p.105), durante a luta de libertação nacional, disse:

A língua portuguesa era uma das melhores coisas que os *tugas* nos deixaram, vai bem mais longe do facto de ela permitir aos guineenses comunicarem-se com outros povos falantes do mesmo idioma, acederem ao conhecimento e à ciência e abrirem-se ao mundo.

Com um intuito ilustrativo, na verdade, a língua portuguesa era importante para o país em certos modos, mas também o crioulo não deixava de ser uma língua em que poderia

³ Definido pelo: HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. RIO DE JANEIRO, 2009 - S.m LING Fenômeno sociolinguístico que consiste na coexistência num local de dois dialetos. Para NOBRE, Wagner Carvalho de Argolo. Bidialetalismo funcional e o ensino de português: a necessidade de um ajuste normativo. *Entre palavras*, Fortaleza - ano 2, v.2, n.2, p. 68-83, ago/dez 2012. O Bidialetalismo se caracteriza como “o uso de dialetos não-padrão em ambientes onde se utiliza o dialeto-padrão”.

se desenvolver muitos conhecimentos, tanto nas ciências como nas relações humanas. Tendo a língua crioula guineense no ensino ou oficializada o país não vai deixar de fazer parte da CPLP.

Desse modo, o crioulo não era visto por Cabral como um instrumento pela luta de libertação, como um símbolo da resistência, uma identidade ou como uma língua. Porém, a luta de libertação, servindo-se do *kriol* nas campanhas de mobilização, foi incontestavelmente a que mais contribuiu para a sua expansão e generalização sobre todo o território nacional, levando-o aos mais recônditos lugares onde até então ainda não tinha chegado. Segundo Cabral, citado por Embaló (2008, p.106):

[...] a herança linguística portuguesa ultrapassa uma simples questão de língua de ciência e de comunicação internacional. Por estar na origem do *kriol*, contribuindo para 80% do seu léxico, a língua portuguesa, à revelia das autoridades coloniais, proporcionou a um povo multiétnico uma língua comum própria que foi o catalisador na formação da sua identidade nacional.

Não podemos rejeitar a língua portuguesa, uma vez que, segundo estudiosos, faz parte da origem do crioulo, que possui a base lexical do alfabeto latino. Entretanto, a sua origem deu-se nos contatos entre as línguas africanas (pertencendo à família das línguas nigero-congolesas). Em suma, concordando com esses autores, o português ocupa espaço significativo na língua guineense, porém muito mais a partir da chegada dos portugueses no país depois do período da colonização.

A fim de trazer uma exemplificação maior para a questão central desse trabalho, sobretudo no que diz respeito à identidade linguística de guineenses, trago, a seguir, a minha relação pessoal com as questões linguísticas do país e que atravessam a cultura guineense.

2.3 EU E MINHAS QUESTÕES LINGUÍSTICAS

Em minha trajetória por algumas regiões ao sul da Guiné-Bissau, passei por algumas experiências a partir das quais eu posso explicar sobre as diversas línguas do país, sobretudo sobre as línguas Balanta, Nalu, Biafada e Manjaco. Natural de capital Bissau (setor autónomo), nasci em 1989. Com seis anos, fui levado a uma tabanca (aldeia), da região de Tombali, sector de Catió, aldeia de Cubumbam, conforme o mapa a seguir.

Figura 1 - Guiné-Bissau Mapa



FONTE: © Copyright 2002-2015 | Compare Infobase Ltd

O objetivo era só passar as férias de Natal e final do ano. Ao chegar, encontrei várias pessoas de diferentes idades, em que a língua mais falada na altura era balanta, que eu não havia ouvido nem a sabia falar. Felizmente, os jovens de 12 a 20 falavam o guineense (crioulo), porque frequentavam a escola, e alguns adultos também por vezes falavam, devido às viagens que realizavam à capital. Desse modo, notei que o guineense tem mais presença entre os alunos, isto é, quando frequentam a escola, para melhor percepção dos alunos, o professor é obrigado a usar o guineense, e ainda ocorre assim nos dias atuais.

Para enfatizar, Timbó é a tabanca onde fica situada a escola que faz a ligação a outras aldeias, com seus povos de diferentes línguas, como : Cubumbam (onde se fala balanta); Bária (onde se fala nalu e balanta); Camassompa (onde se fala nalu); Timbó (onde se fala biafada). Isso implica que a integração começa a partir da sala de aula, com os próprios estudantes que se sentavam em três pessoas na carteira, três estudantes de diferentes línguas para evitar o uso da língua materna (língua da casa) e propagar o guineense e a língua portuguesa. No meu ingresso à essa escola, eu tive muitos amigos por causa da minha fluência no guineense e nem sabia falar em balanta, embora eu estivesse aprendendo com os meus parentes.

Com o convívio das pessoas de diferentes línguas que se encontravam na escola, assimilei algumas palavras e frases básicas de cada língua. Dois anos depois, fui transferido para outra escola, na aldeia Cabulol, que ficava a mais de seis quilômetros de onde eu morava, em Cubumbam. Ali os povos predominantes são Nalus e há tabancas arredores onde as

línguas predominantes são balantas, madjacos e fulas. Fiz meu terceiro e quarto anos de ensino básico nessa região e, depois da guerra civil de 7 de junho de 1989, fui para Catió (centro do sector de Catió) fazendo, ali, o ensino complementar (de 5º a 9º ano) no Liceu Areolino Lopes Cruz.

Em Catió, a situação que constatei é que os bairros que constituíram a vila são povoados de uma forma mista. Embora em cada bairro há percentagens significantes de diferentes povos: Sua (balantas), Área (nalus), Catió Balanta (balantas), Catió Fula (fulas), Priame (fulas) e Gã-palmeira (mantenhas “brames”). Portanto, na região de Tombali, os povos dominantes são Nalus mas, com a migração dos Balantas e Fulas à procura da melhor forma de sobrevivência, agora, provavelmente, os Balantas são em maior número na região. Para concluir o ensino médio, fui estudar numa escola privada, no Liceu Dom Sétimo Arturo Ferrazzetta, em Empada (região de Quinara).

A Empada é um sector com, aproximadamente, 20 tabancas (aldeias) dentre as quais quatro são dos Manjacos, um de Balantas e o resto são de Biafadas. Dessa forma, esse território é dominado pela língua biafada. Quando finalizei o ensino médio, fui contratado como professor de expressão visual para o ensino básico e de desenho para o ensino complementar em Buba (capital da região de Quinará), numa escola privada C.E.V.V.M (Centro Educativo Vitor Vaz Martins). Lecionei nesta escola durante três anos e também fui animador de campanha de sensibilização sobre direitos humanos das mulheres, coordenado pela Liga Direito Humano Guineense (LGDH) e o Comité Nacional para o Abandono das Práticas Tradicionais Nefastas e saúde da mulher e a criança (CNPN), de julho de 2012 a fevereiro de 2013. As minhas atuações como professor na sala de aulas e como animador foram atividades diferentes, mas muito importantes na minha experiência de contato com a diversidade linguística de meu país.

Na sala de aulas, eu explicava as lições em português, caso houvesse dúvidas, a segunda explicação era sempre em guineense. Ao passo que, como animador, a sensibilização era feita em guineense. Além disso, para aprofundar o conteúdo, era obrigado a falar na língua materna (biafada).

A partir deste contexto, o desenvolvimento da minha proficiência linguística cresceu bastante a partir do uso da linguagem e de diálogo considerável. Desta feita, no ano seguinte, fui obrigado a abandonar a função de professor contratado em busca de aperfeiçoamento linguístico num outro campo de conhecimento. Enfim, dois anos de curso intensivo de língua francesa no Centro Cultural Franco Bissau (CCFB), e curso de língua portuguesa no Centro

Cultural Brasileiro da Guiné-Bissau (CCBGB), onde frequentei de curso básico até terceiro módulo.

No final 2015, com o meu diploma de curso de francês, consegui a vaga na Escola Santo Agostinho de Luanda (é numa das escolas privadas da capital Bissau), atuando como docente, primeiramente, no 7º e 8º ano, depois, adicionando três turmas de níveis diferentes 9º, 10º, e 11º ano, graças ao meu bom desempenho. Assim como, nos momentos de férias, nos meses de julho a setembro, fui contratado como professor de francês para nível 1 e 2 na escola T5, de Antula (um dos bairros de capital) e, posteriormente, numa escola de inglês, *Think About Your Future English School*, que se situa em outra zona do mesmo bairro.

Certamente que, na capital do país, a sociedade, a cultura e a linguagem são diferentes que no interior. Desse modo, o ensino e aprendizagem apresenta grande diferença no que se refere a ensinar uma língua estrangeira.

É preciso enfatizar o porquê da aplicabilidade da língua francesa na Guiné-Bissau. De acordo com a situação geográfica do país, o território guineense está localizado entre dois países colonizados pela França e a língua predominante desses países é o francês, tanto no comércio, nas instituições, nas comunidades e ao nível de Estado (governo). Ademais, a Guiné-Bissau é o único dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) na CEDEAO (Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental). Então, na Guiné-Bissau, sobretudo no comércio, o francês tem tido um crescimento tão grande quanto ao seu uso em relação ao português, de modo que no supermercado de Bandim, as pequenas lojas são predominadas pelos Fulas de Guiné Conakry, Senegaleses e Mauritanianos.

Bissau é o centro de comércio e de ensino. Só lá se encontram universidades e um grande número de escolas e centros de formação. É também o centro econômico do país. Possui diferentes pessoas que falam as diversas línguas nacionais e estrangeiras. Em suma, é o centro de referência para os povos guineenses e os estrangeiros.

Portanto, a experiência que eu tive trabalhando com povos de diferentes línguas resultou bastante na minha experiência no meu cotidiano, sobretudo na sala. O fato que talvez o “empurrão” das línguas facilitava a minha atuação como professor, nesse caso havia facilidade nas articulações da metodologia de acordo com o ensino de língua francesa e a utilização de métodos de avaliação conforme plano de ensino (ensino da língua francesa como língua estrangeira).

No entanto, a minha metodologia não vai atingir cem por cento à sala de aula ao mesmo tempo, já que existem os rápidos e os que entenderam lento, e acontece que alguns ficam com dúvidas por causa da não compreensão de conteúdo em francês e exploração em

português. Dessa forma, sou obrigado a explicar de novo; a primeira explicação seria em francês e a segunda explicação seria no guineense. Enquanto se fosse numa zona rural, a segunda explicação seria no guineense e posteriormente na língua materna.

Então, surgiu a oportunidade de me inscrever para uma das vagas do edital nº 17/2017 da UNILAB, lançado na primeira semana do mês de junho do mesmo ano. Fiz teste de admissão e o formato da prova era produção de texto (argumento dissertativo), o que me deixou apreensivo apesar de que frequentei o Centro Cultural Brasileiro, fazendo curso básico de língua portuguesa. Mas para garantir a minha vaga no processo seletivo da UNILAB, tive que frequentar um minicurso de como construir um texto de argumento dissertativo no qual fui fazendo e saí bem com as boas notas, era o fato que me dava a confiança e a certeza que conseguiria.

Aprovado para o ingresso de 2018.1, uma outra etapa da minha trajetória e questões linguísticas se iniciou. Ao chegar ao Brasil, em São Francisco do Conde, no estado da Bahia, tudo mudou e tudo se transformou. Porque nesta Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, onde se encontram estudantes dos países africanos de língua oficial portuguesa, existem também as diversidades das variações linguísticas dentre os povos desses países e, sobretudo, a variedade dos estudantes brasileiros de várias regiões do país.

Desse modo, nos meus primeiros semestres, comecei entender que a língua é um Estado, um território e uma identidade, isto é, através da fala do indivíduo, a sua variação linguística lhe identifica. Por exemplo, a língua foi o instrumento de dominação colonial, e justamente essa língua colonial – a língua portuguesa – que está presente nos países da integração da lusofonia e de Estados como o Brasil, possui diferenças locais. Cada país que possui essa língua junta à sua comunidade nacional desenvolve variações linguísticas diferentes, ou seja, cada população e cada Estado possui a sua forma própria de falar a língua portuguesa.

Sabe-se que a língua é um importante instrumento de comunicação. Ela possibilita que determinado grupo de falantes produza assuntos e se compreendam reciprocamente. Dessa forma, ela está ligada com a existência e a convivência de indivíduos com culturas e línguas diferentes, ou seja, transforma-se, ao longo de sua existência, numa variação da língua original entre os povos falantes. Na sociedade em que vivemos, a pluralidade cultural da humanidade nos proporciona diversas formas de expressão, o que, conseqüentemente, resulta num impacto que pode reverter-se em questões linguísticas diversas, tanto para o enriquecimento do que é essa língua, como na produção de discursos e práticas nem sempre

positivas. Fala-se, aqui, de formas de violências linguísticas como o apagamento de culturas e saberes e das práticas de discriminação e de preconceito linguístico. É preciso, portanto, pensar em formas de minimizar o preconceito, impedir o processo de aculturação, com a intenção de compartilhar os hábitos e valores, bem como sabendo respeitar as diferenças existentes. Vamos discutir isso no próximo capítulo.

3 CAPÍTULO II: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO DO GUINEENSE

Compreende-se que, como o planejamento linguístico é vasto, pois tem diferentes áreas de estudo, desta feita, o nosso trabalho está focalizado na transformação e a evolução da língua, enfatizando a concepção das variações estruturais da escrita na língua guineense, supondo uma proposta estrutural que contribua no desenvolvimento da prática pedagógica (elaboração da gramática, dicionário e sistematização do léxico), o que facilitará a aprendizagem da língua e a prática pedagógica do ensino na língua guineense.

O guineense é uma língua que possibilita a comunicação de quase toda sociedade do país, de acordo com o seu processo histórico e político. É importante perceber o valor significativo se sua sistematização gramatical e discuti-lo criticamente. Desta feita, o objetivo deste capítulo é compreender a grafia do guineense a partir do planejamento linguístico e das questões de poder que envolvem a organização da chamada “língua guineense”. Trouxemos algumas reflexões para entender a importância da uniformização da escrita e, nesse sentido, o capítulo está organizado em duas seções: a primeira apresenta algumas considerações sobre o “Planejamento linguístico para a língua guineense” e a segunda discute “A importância da uniformização da grafia do guineense”.

3.1 SOBRE O PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO PARA A LÍNGUA GUINEENSE

Há de se considerar que as evidências apresentadas pela situação linguística atual na Guiné-Bissau são derivadas dos processos políticos vividos historicamente no país. Desta feita, entende-se que a política atua na governança do território e da população, o que inclui atos no sentido de proibir ou favorecer algumas situações com efeitos que recaem sobre todos os membros do grupo social. Este exercício de domínio sobre um determinado território e suas populações envolve o que se refere ao que é urbano, civil, público e, até mesmo, a língua.

Diante disso, a língua guineense, até o presente momento, não possui um planejamento linguístico que a organize de forma institucional, o que reflete uma política linguística nacional que não tem se preocupado tanto com o idioma. Para entendermos melhor essa situação, é preciso discutir um pouco sobre o que vem a ser “planejamento linguístico” e, posteriormente, entender como essas questões têm sido tratadas pelo governo guineense.

As políticas que se ocupam da questão linguística, ou as políticas linguísticas que recaem sobre um determinado grupo de indivíduos, segundo Nikolsky (1975, p.318 apud COUTO, 2008, p.48), são um “[...] conjunto de medidas que se tomam a fim de direcionar o processo linguístico e que são implementadas pela sociedade (pelo Estado).” Em função disso, as políticas governamentais sobre as línguas devem ser direcionadas ao desenvolvimento do resultado da sociolinguística, sobretudo em situação de contato.

É evidente que o desenvolvimento formal de organizações a respeito do sistema linguístico da língua guineense se resulta da intervenção política sobre a língua, no que se refere aos seus usos, falares e discursos organizados sobre ela e através dela. Porém, de acordo com Lagares (2008, p.24), esta intervenção constitui certos modos que sistematizam ideologicamente a dinâmica de subjugação linguística e cultural de determinado grupo social. Apesar de a língua(gem) ser uma questão enigmática na sua definição, não pode haver uma conclusão exata, quer dizer ela é um contexto que cinge a heterogeneidade no seu campo de estudo.

Um aspecto que precisa ser destacado se refere às questões históricas e culturais, as quais constituem elementos fundamentais para se entender as diferenças funcionais e estruturais de uma língua, e entender que tais diferenças variam de uma língua para outra, sobretudo nas suas construções gramaticais para as formas escrita e falada.

Em suma, para Lagares (2018), a ficção da homogeneidade da língua refletirá nas seguintes diferenças: entre “falado e escrito”; de estilo “coloquial e literal”, assim como nas de meio e das variantes “padrão e não padrão” (LAGARES, 2018, p.12).

Realizados esses estudos, tendo em vista as necessidades da população, torna-se possível organizar decisões sobre a organização formal da língua em questão. Entende-se que a tomada de decisão sobre as funções de uma língua exige muitas atividades que resultarão num processo dificultoso, pois envolve a sistematização linguística sobre determinada língua a partir do processo histórico e da questão social de um país (LAGARES, 2018).

Em outras palavras, apesar de complexa, é necessária a organização das políticas linguísticas de um contexto a partir da realidade local, seguindo as orientações de Severo (2013) que explica que “a política linguística é como a descrição da relação entre as línguas e a sua aplicabilidade na política do Estado.” (SEVERO, 2013, p.452). Ademais, as políticas linguísticas são organizadas, conforme destacado por Gadelil (1999), no sentido de compreender três dimensões da atuação de uma língua: dimensão oficial, dimensão educacional e dimensão geral.

Desta feita, os linguistas precisam dialogar bastante para que haja as considerações mais adequadas sobre o que se planeja a respeito de uma língua. Igualmente importante saber o que é planejado sobre as línguas porque as essências das línguas precisam ser sistematizadas e projetadas à comunicação significativa de uma determinada comunidade. Nesse caso, independentemente da arbitrariedade a que a língua se opõe, a sua flexibilização com a capacidade de obter modificação, entende-se que a língua é norteadada pela independência de estímulo e dependência estrutural de uma determinada sociedade. (LYONS, 1987, p.3-8).

Ainda, as políticas linguísticas a serem organizadas para uma determinada comunidade nacional, de acordo com Lagares (2018), consistem em:

[...] uma forma de resolver problemas linguísticos em novas sociedades multilíngues, decidindo sobre as funções que cada língua cumpriria no novo país e equipando os idiomas locais com os instrumentos próprios das línguas [...] O nível de planejamento que se contempla é o do Estado Nacional a serviço de projetos de desenvolvimento orientados, em tese, para toda a sociedade ligado a intervenção sobre as línguas à questão da coesão social do país. (LAGARES, 2018, p.21)

Observando o contexto da Guiné-Bissau, percebemos que esta nação não é homogênea culturalmente, não possuindo uma coesão linguística, nem no passado e nem na atualidade. O passado colonial e todas as questões linguísticas abordadas no Capítulo 1 desta monografia demonstram o multiculturalismo e o multilinguismo característicos do país que tem a língua guineense como uma possibilidade de unificação nacional, em termos de comunicação. Esta seria a única língua nacional possível para atender os aspectos identitários e comunicativos neste país.

No entanto, não há um planejamento linguístico apropriado para a língua guineense, e não há a organização de políticas linguísticas nacionais que reflitam os interesses e as necessidades do povo da Guiné-Bissau. Nesse sentido, uma fala de um dos informantes de Couto (2008) apresentado no texto como “intelectual que fazia parte do governo”, nas suas respostas a um questionário sobre a língua guineense, afirma o seguinte; “crioulo não é uma língua. Ele não tem gramática, não tem dicionário nem escrita.” (COUTO, 2008, p.107). Esse dirigente do primeiro escalão do governo se baseia apenas na forma escrita da língua guineense, desprezando totalmente as práticas orais dessa língua, como se uma língua só existisse a partir de sua escrita.

Apesar desse pensamento equivocado, destaca-se que a língua guineense tem sua “gramática” organizada pela oralidade, o que permite, através de seu uso oral, a descrição dessa língua e a organização de sua “gramática normativa”. Cabe ao Estado guineense,

através de seus órgãos institucionais apropriados, priorizar um plano de ação para a elaboração das estratégias para o desenvolvimento das pesquisas sociolinguísticas, as quais permitirão fundamentar uma tomada de decisões no processo de “planejamento de corpus” da língua guineense, que envolve as questões gramaticais e lexicais da língua. (KVAPIL, 2012, p.25 apud LAGARES 2018, p.21). O “planejamento de corpus” é uma das ações de implementação das políticas linguísticas organizadas para uma determinada comunidade e que organiza o corpus linguístico de uma determinada língua para fins de uma utilização mais padronizada de sua expressão escrita.

Com base em Gadelli (1999), Severo explica que:

O planejamento do corpus, que inclui as seguintes ações: criação, reforma e padronização do sistema ortográfico; especificação de pronúncias, escolha da grafia, expansão vocabular e terminológica; alterações na estrutura gramatical; criação de registros simplificados para fins específicos; cultivo e valorização dos diferentes estilos e gêneros; produção de cartilhas, manuais e livros didáticos voltados para a alfabetização; tradução de obras variadas; produção de dicionários e gramáticas; produção de textos escritos vinculados a diferentes gêneros; e criação de órgãos especializados em questões linguísticas (GADELLI,1999 apud SEVERO 2013, p. 456).

Entende-se que esse tipo de gerenciamento da língua é a base para uma educação formal a partir das construções ideológicas socioculturais. Isto é, as políticas linguísticas prestigiadas são vinculadas aos planejamentos linguísticos, nesse caso, a língua, além de ser usada entre as pessoas (sociedade), ela se relaciona aos aparatos governamentais (Estado) a partir do momento da sua oficialização, nas relações comerciais, nas escolas e entre outros. De acordo com Lagares (2018), as políticas linguísticas a serem organizadas para uma determinada comunidade nacional consistem em:

Uma forma de resolver problemas linguísticos em novas sociedades multilíngues, decidindo sobre as funções que cada língua cumpriria no novo país e equipando os idiomas locais com os instrumentos próprios das línguas [...] O nível de planejamento que se contempla é o do Estado Nacional a serviço de projetos de desenvolvimento orientados, em tese, para toda a sociedade ligando a intervenção sobre as línguas à questão da coesão social do país. (LAGARES, 2018, p.21)

A partir da nossa leitura em Lagares (2018), o planejamento linguístico pode ser compreendido como uma forma que persiste no processo histórico das línguas em diferentes dinâmicas sociais ao serviço que contempla o Estado nacional ligado sobre as línguas e desenvolvimento da sociedade. É, na verdade, um plano de ação que implementa as políticas institucionais, afetando as línguas, seus usos, importâncias e toda a sociedade usuária dessas

línguas. No caso da Guiné-Bissau, não haver um planejamento linguístico específico para o guineense – agravado pela oficialização apenas da língua portuguesa – tem gerado consequências graves que trato de explicar a seguir.

3.1.1 Planejamento linguístico do guineense

Até o fim do século XIX, predominavam as práticas linguísticas ligadas à oralidade e, por motivo de necessidades específicas, surgiram alguns registros em guineense na forma da transcrição de pequenas histórias da tradição oral. Além do guineense, foram transcritas canções de diversas línguas africanas do país, ou seja, de 1882 a 1900, temos o período inicial das escritas (literaturas) em guineense (AUGEL, 1998, p.37). Apesar disso, as questões de funcionamento e organização da língua guineense não eram do interesse da sociedade no período colonial, nem mesmo durante a guerra da independência (1960-1973). O guineense se tornou um fator de coesão interétnica na luta contra o inimigo comum, o colonizador português. Ainda que o guineense (crioulo) tivesse uma posição favorável frente às línguas nativas, Amílcar Cabral expressa sua visão da língua dizendo:

Para nós tanto faz usar o português, desde que nos sirva [...] muitos camaradas, com sentido oportunista, querem ir para frente com o crioulo. Nós vamos fazer isso, mas depois de estudarmos bem. Agora a nossa língua para escrever é o português [...] o português (língua) é uma das melhores coisas que os tucas nos deixaram. O crioulo não tem - e muito menos as línguas étnicas - recursos para expressar idéias como “raiz quadrada de 36”, “aceleração da gravidade”, “a lua é um satélite natural da terra” [...] Enquanto que em português basta uma palavra (CABRAL, 1990, p.59-61, apud COUTO, 2010, p. 39).

Não haveria qualquer problema em usar expressões de outras línguas para dizer o que se pretende. Por isso, toda e qualquer língua faz uso de “empréstimos linguísticos” em suas comunicações e, nem sempre, há correspondência de termos e expressões em línguas distintas. Assim, acontece com as línguas em uso ativo nos mais variados contextos mundiais. Porém, em virtude dessa fala de Cabral, e dos comportamentos das pessoas em relação ao lugar de prestígio social em que se encontram, a relação entre a língua e o poder é, na Guiné-Bissau, profundamente percebida na falta de um planejamento linguístico apropriado para o guineense. Ou seja, na aquisição de uma língua, nos usos linguísticos e em suas importâncias sociais entende-se que, pelo facto do colonialismo europeu e de sua lógica colonial de interesses e ideologias, o guineense e as demais línguas africanas existentes na Guiné-Bissau

não são consideradas como relevantes no desenvolvimento do conhecimento científico, e no próprio desenvolvimento social do país, com a importância dada à língua portuguesa.

Tudo que é dos ocidentais, dentro do pensamento eurocêntrico, maior valia tem ainda. Em conformidade com a proposta de Cabral, “o crioulo seria uma ponte para chegar ao português” e até hoje essa ideia serviu de influência na sociedade guineense. Portanto, a lógica colonial corrompeu o processo de planejamento linguístico na Guiné-Bissau onde as pessoas são assimiladas à civilização europeia. (COUTO, 2010, p. 40).

Por isso, segundo Scantamburlo (1997) “no sistema de ensino atual implica, questão de poder e de prestígio, de influência e de dominação do pensamento e dos discursos que circulam na sociedade”. Nesse sentido, é possível destacar que, durante o período histórico das invasões coloniais, os primeiros europeus (missionários) foram à África e aplicaram o próprio conceito de língua, bem como sua lógica de categorização das línguas, o que resulta num processo ocidental da representação linguística que força o desconhecimento da história e do funcionamento das línguas locais. O que significa dizer que essas línguas locais não foram tratadas pelos colonizadores com respeito às suas existências. Na verdade, o poder da língua do colonizador foi imposto, bem como suas lógicas e estratégias de domínio dos indivíduos colonizados, o que incluía o saber sobre as línguas.

Desta feita, é possível refletir sobre o funcionamento do poder nas organizações dos planejamentos linguísticos a partir do discurso de Cabral citado na passagem acima, quando ele diz: “Para a ciência o crioulo ainda não serve.” Se essa língua ainda não serve para a ciência, é porque o Estado não a designa como tal, nem pensou na sua normatização e nos usos linguísticos do guineense. Quem organiza a política linguística oficial quanto aos usos das línguas, seu corpus linguístico, suas importâncias, é o Estado através de seus órgãos competentes. Da mesma forma, cabe ao Estado a viabilização dessas políticas através dos planejamentos linguísticos mais adequados. Esses planejamentos alimentam crenças vinculadas à dimensão política institucional (oficiais e jurídicas) e motivações que permitirão às populações (os sujeitos) tomar uma decisão quanto às questões linguísticas.

3.1.2 A importância da uniformização da grafia do guineense

Apesar de o português ter predominado quase exclusivamente até os anos 1980 na literatura nacional, também era visto como a língua colonial e língua de poder, a qual constitui uma dominação sobre os guineenses, submetendo as outras línguas de acordo com a sua aplicação. No entanto, a língua guineense passou a ganhar espaço e ter números de falantes

significativos também na produção literária e artística. Além de ter a sua escrita, ainda que não normatizada, o guineense era veiculado nos programas de rádio, na televisão nacional e nos jornais. Desta feita, seria propícia a sua legitimação em caráter oficial, assim como a criação de estratégias para a sua sistematização linguística, isto é, pensando a intervenção de uma política e planejamento linguísticos de Estado, envolvendo o planejamento do corpus no guineense.

Em função dos elementos destacados no nosso primeiro capítulo, entende-se que o guineense, depois da independência, evoluiu bastante em todo território nacional, em termos de números de falantes, assim como na escrita. Apesar de não haver uma política linguística oficial que não reconheça e valorize a sua importância como língua de comunicação, o guineense sempre teve valor fundamental no sistema do ensino no país, sobretudo no processo de alfabetização de adultos.

Nesse contexto, no período entre 1980 e 1993, percebe-se uma grande manifestação da língua guineense, com a contribuição do pedagogo Paulo Freire que realizou uma visita no território da Guiné-Bissau. Este fato alertou a Comissão da Educação Nacional no sentido de que a língua guineense pudesse servir como a língua do ensino nacional, permitindo a facilidade na alfabetização dos adultos. Posteriormente, a ideia teve efeito e foi executada nos anos letivos de 1986 a 1993 no projeto do CEEF (Centro Experimental de Educação de Formação) nas escolas das regiões de Tombali, de Cacheu e na ilha de Uno (Região de Bolama-Bijagós). Entende-se que esse projeto foi criado com base no pensamento do Paulo Freire, com o objetivo de alfabetizar as crianças e adultos no ensino bilingue, desta feita a estratégia era ensinar a ler a partir da experiência sociocultural e as línguas do ensino seriam línguas locais (do grupo social) e o guineense. Entretanto, esse projeto não durou muito e terminou em 1994 por falta de financiamento.

Mesmo com o propósito dessa língua ser inserida na educação como uma língua do ensino-aprendizagem no que diz respeito à escrita, infelizmente, até hoje, o guineense não tem a uniformização da sua grafia, ainda que possua o seu próprio alfabeto, alguns textos literários, contos e traduções produzidas. O Estado e os linguistas guineenses não foram capazes de estabilizar as possibilidades na fixação de uma escrita padrão do guineense. Do mesmo modo que o planejamento de corpus tem uma fraca evolução, sobretudo na elaboração de materiais didáticos, edição de dicionários e de manuais da gramática do guineense.

Além da tradução da Bíblia Sagrada evangélica⁴ e da tradução de Novo Testamento católico⁵, os contos de N'tory Palam⁶ serviram de influência na escrita da língua guineense na década 80 a 90. (AUGEL, 1998, p.49) Os efeitos eram o prazer da leitura nessa língua, por exemplo, toda vez que saia um episódio do conto, havia mais procura e expectativas para com os próximos que viriam (AUGEL,1998). Na verdade, alguns trechos de capítulos do livro de N'tory Palam aparecem nas manchetes do jornal nacional “Nô Pintcha”, o que faz da escrita do guineense tornar-se popular no país.

Além disso, a repercussão da grafia do guineense também é vista nas composições das músicas durante o período colonial, dentre autores temos José Carlos Schwarz (fundador da música moderna guineense), Aliu Bari, Zé Augusto Zé Lopes e os grupos da banda musical Kobiana Djaz, N'kasa Kobra, Mama Djombo entre outros. (AUGEL, 1998, p.39-41). Obviamente que os ritmos dessas músicas são tipicamente nacionais e tinham expressões de encorajamento aos povos nativos que estavam na luta, assim como apresentavam uma crítica/revolução contra o regime colonial.

É muito interessante, do ponto de vista da língua e da sua estrutura, compreender as letras dessas músicas/canções a partir dos conjuntos de rimas, versos e estrofes os quais apresentam significados da realidade dos “tugas” citados como as metáforas da própria língua. Nesse caso, as suas decodificações só podiam ser decifradas pelos guineenses ou por pessoa que entendesse e soubesse falar a língua guineense. Certamente, o estilo da escrita era diferente daquele praticado no período pós-colonial.

Portanto, a grafia guineense existe na prática, nos usos cotidianos, o que reflete uma política informal, e está em constante transformação, como afirma Scantamburlo (2013). É evidente que, de meados de 1990 a 2010, as características linguísticas desta língua sofreram muitas mudanças nos níveis fonológico e morfossintático, assim como no nível lexical. Segundo Scantamburlo:

Nos últimos [...] anos verifiquei também uma nova tendência do Crioulo Guineense: muitas palavras do Português entram no seu léxico sem nenhuma transformação fonológica das “consoantes”, enquanto que as “vogais” continuam a manter o paradigma das línguas africanas. (SCANTAMBURLO, 2013, p.4)

⁴ Sociedade Bíblica em Côte d'Ivoire (Costa de Marfim) 1998; British and Foreign Bible Society London, England, 1954,1967, 1972.

⁵ Diocese de Bissau, Bissau 1990

⁶ N'tory Palam é o nome da personagem da banda desenhada da Guiné-Bissau (BD), criado por Manuel Júlio.

Tendo em vista esse aspecto, o guineense começa tendo as mudanças desde o fracasso e a dificuldade que o projeto dos CEEF teve na sua experiência de ensino bilíngue nalgumas escolas do país. Não apenas essa situação do projeto, mas havia também o abandono de alguns paradigmas que serviam como modelo na grafia do guineense, de acordo com a afirmação de SBCI (Sociedade Bíblica em Cod'Ivoire, 1998) “Kiriol ka ta muito usa asentu riba di letras, ma no pui manga di no nomis estrangeiru pa juda na purnunsia [...]”⁷ Desta feita, é difícil a decodificação para quem escreve como lê, ou seja, a pessoa acostumada com a leitura das línguas estrangeiras (português, inglês, francês, italiano, entre outras). Mas, independentemente do empréstimo de algumas palavras dessas línguas estrangeiras, ao escrever em guineense as características desses idiomas não podiam sempre aparecer em todas as palavras da frase a ser produzida, talvez pelo fato de não haver um domínio da escrita ou alfabeto do guineense. Nessa senda, a estrutura da grafia guineense apresenta diversos traços linguísticos fonéticos, lexicais e sintáticos das línguas estrangeiras, além das influências das demais línguas nacionais, e essas diferenças são percebidas nos textos produzidos pelos falantes desse idioma.

Importante destacar que, como as questões de poder e prestígio estão impressas nas línguas e caracterizam a posição social de seus falantes, as variações da escrita do guineense também reproduzem essas questões. Isso significa dizer que há a construção de ideias equivocadas de que uma forma escrita é melhor que outra com base na origem das influências linguísticas que essa forma possui, com base no prestígio social que essa influência representa. Quando não há uma organização dessa escrita pautada em estudos sociolinguísticos apropriados, há um favorecimento de práticas de preconceito linguístico e de prestígios sociais por conta da forma escrita que cada grupo de pessoas pratica.

Também destacamos que a variação da grafia do guineense teve grande fluxo a partir das tecnologias digitais, sobretudo redes de telecomunicações e redes sociais. Após a sua independência, o país passou a possuir sua própria administração dos serviços telefônicos e dos correios da Guiné-Bissau. Em 1989, foi criada a companhia de telecomunicações da Guiné-Bissau (Guiné Telecom), cujos setores de atividades eram a telefonia (rede por cabo) e envios de cartas. Ainda que as atividades escritas eram poucas com relação à telefonia, havia certas pessoas que muito se comunicavam pelas cartas.

⁷ “Em crioulo não se usa alguns acentos, mas nós os usamos para facilitar as pronúncias de nomes estrangeiros” – Tradução livre nossa. (E essa informação se encontra no prefácio da Bíblia em guineense da tradução evangélica).

Em 2003, foi criada a Guinetel (GNT), uma operadora mista que fazia a cobertura dos serviços de telefonia móvel e internet móvel. Posteriormente, em 2004, a Areeba, operadora de telecomunicação sul-africana, abriu a sua primeira agência no país e, em 2007, passou a ser MTN Guiné-Bissau. Também a Orange Bissau, a terceira operadora do país, ganhou o concurso público internacional e obteve a licença para operar junto do governo local, em dezembro de 2006, iniciando suas operações no ano seguinte.

É possível afirmar que, a partir da evolução da tecnologia digital na Guiné-Bissau, a grafia do guineense adquiriu novos caracteres na camada juvenil, de acordo com a influência das operadoras de telefonia móvel e internet. Dessa forma, é importante averiguar que as formas de escrever guineense apresentam a difusão das inovações da grafia dessa língua, sobretudo junto aos jovens guineenses. Nota-se que as diferenças das grafias se veiculam nas redes de comunicação entre as comunidades, entre falantes de mesmo grupo social, do mesmo colégio, membros da família, mesmo ocupação profissional, dentre outros.

Portanto, nas horas de conversação entre esses membros, ficam evidentes as diferenças no uso da escrita de acordo com a faixa etária dos interlocutores. Os falantes de menos de 18 anos, por exemplo, conversam usando a escrita de forma diferente que as de menos de 30 anos. Dessa forma, fonologicamente, o guineense experimenta também muitos processos de variação e mudanças na execução das muitas palavras. É o caso que acontece quando pessoas da mesma idade em conversação eliminam as vogais (u, i, o...) nas primeiras sílabas das palavras (kume= kme - “comer”), (kinti = knti – “quente”), (fomi = fmi – “fome”).

Além disso, houve mudanças ocorridas em algumas expressões, o que consideramos como redução adaptada ao uso de falantes do guineense, sobretudo pela camada jovem. O termo “Uzi” é um exemplo das transformações mais frequentes nessa língua, o qual deriva da expressão “abo bu sibi” (Tu sabes ou você sabe), em que “bu” é o pronome pessoal da segunda pessoa de singular e “sibi” é o verbo “saber”, conjugado na segunda pessoa do singular. Lembrando que, nas regras ortográficas e gramaticais do guineense adotadas pelo Ministério da Educação através da Direção Geral da Cultura da Guiné-Bissau, depois de “ami”, “abo”, “el”, “anos”, “elis” (essas palavras são pronomes pessoais e sempre aparecem nas conjugações antes do verbos a serem conjugados), existem elementos que compõem os pronomes pessoais, ou seja, "n", “bu”, “i”, “no”, “e” são partes que fazem as diferenças entre as pessoas da conjugação. Entende-se que os verbos no guineense, a conjugação não se varia pelas terminações como em português, mas, as diferenças são a partir desses elementos citados a bocado, por exemplo, na conjugação do verbo saber no guineense:

Ami n' sibi, (eu sei);

Abo bu sibi, (tu sabes);

El i sibi, (*ele/ela* sabe);

Anos no sibi (nós sabemos);

Elis e sibi (eles/elas sabem).

Desta feita, devido a variações sociais, é mais frequente o uso “bu sibi” (Tu sabes / você sabe). Com o passar do tempo, é comum ainda a utilização “Uzi” na escrita informal do guineense, por conta do seu uso na oralidade.

Os preços atrativos praticados por operadoras de telecomunicações, com planos voltados especificamente aos jovens – parcela da população guineense que mais faz uso desses serviços –, incentivou essa faixa etária a se comunicar por mensagens e influenciou bastante nas variações de grafia guineense. Como resultado, surgiram muitas mudanças, as quais nas reformas ortográficas das palavras, as combinações de duas consoantes, como “ch”, passam a ser escritas por uma letra apenas, como “x”, no caso. Também há mudanças ortográficas que ocorrem em verbos, como o caso do verbo "Sta" (verbo estar) em que se passou a adotar “x” – em vez de "s" antes da letra “t”. Da mesma maneira, é comum essa mudança na abreviação. Eis os exemplos: “Tchaga” = Txaga (a ferida); “Tchoma” = Txoma (verbo chamar); “ami n' sta bem” = ami n' xta bem/ n' xta bem (eu estou bem/ estou bem) e “ke ku bu misti” = k ku mst (o que queres?).

Adicionalmente, já existem propostas sobre a grafia do guineense de alguns/algumas autores/as (veremos esses fatos no capítulo seguinte) e escritas informais que passam a ser veiculadas na ortografia quotidiana desse idioma. Entende-se que a grafia está em constante evolução em torno das mudanças e variações na escrita, em grande parte decorrente dos usos orais da língua. Quanto mais não houver um planejamento linguístico em torno da uniformização da grafia do guineense, mais possibilidades teremos uma outra variação da escrita concorrendo com as variações existentes e menos chance terá essa língua quanto à padronização de sua escrita.

Diante do exposto, o guineense, com a sua grandeza e a sua importância no contexto linguístico no país, à medida que o seu status é de extrema relevância, merece e deve ser oficializada/ implementada como uma língua de ensino e de trabalho em todas as instituições do território nacional, a partir de uma política linguística voltada para as reais necessidades do povo guineense. Decorrente disto, um planejamento linguístico de corpus do guineense pode trazer benefícios sociais muito importantes ao povo, como os usos linguísticos na área de

saúde, onde as informações são postas nos murais de centros hospitalares (centros de saúde) do país para orientação de atos médicos, para as mulheres grávidas e para outras necessidades sanitárias.

A relevância da uniformização da grafia do guineense é indispensável, em razão do fortalecimento de um planejamento de corpus no sentido de estruturar as codificações, elaboração de materiais didáticos, gramaticalização e sistematização do léxico. Além disso, esse planejamento depois de ser concluído será submetido ao Estado (governo) para que, assim, seja designado como a língua legítima (oficializada), pois o guineense possuirá prestígio como língua do ensino e aprendizagem.

Em suma, de acordo com os estudos sobre o guineense, entende-se que essa língua no seu próprio sistema de comunicação, especificamente em termo da escrita, permitia produzir textos literários. Infelizmente, o processo de dominação da língua portuguesa, em detrimento ao guineense, trouxe o extermínio dos acúmulos culturais em representação da língua local começam a ser apagados, na medida em que já se observam vários textos escritos (poemas, poesias, contos africanos) sendo traduzidos ao português, até verifica-se a mudança de nomes próprios da origem africana. (COUTO; EMBALÓ, 2010, p.48).

Em virtude dos fatos mencionados, existe a promoção da cultura e da literatura da língua portuguesa pelos próprios africanos, sobretudo por alguns líderes. Trata-se do que o escritor queniano N'gûgî Thiong'o (2018) vai chamar de “distorções herdadas do colonialismo”. É o caso do hino nacional, que resumiu a história da nação guineense (como seria lindo ouvir o hino no guineense!?). Por ser de autoria de Amílcar Lopes Cabral, foi escrito em português (COUTO; EMBALÓ, 2010).

Mas, seguindo o que diz Thiong'o (2018) “as políticas dos governos direcionadas às línguas africanas não-de mudar se quisermos que a África cresça a seu próprio ritmo. A adoção servil das línguas europeias como línguas do poder e da autoridade tem que acabar”. (THIONG'O, 2018, p.264)

Em conformidade com Severo (2013), o planejamento linguístico é destacado como conceito uniforme e homogêneo e tem como base a política linguística adotada. Deduzimos que a complexidade do conceito da política linguística precisa ser compreendida pelo Estado de Guiné-Bissau e desenvolvida em prol do progresso da linguística local. Apesar de que a política linguística é diversa, transveste-se de acordo com seus objetivos e com a dimensão da sua prática relacionada a diferentes esferas, voltada aos princípios e práticas locais, estimulando as pessoas a compreender as opções linguísticas mais adequadas às suas vontades e necessidades.

4 CAPÍTULO III: CONSIDERAÇÕES SOBRE O LÉXICO GUINEENSE

O guineense como uma língua, possui conjuntos de palavras com as particularidades próprias para expressar em determinados assuntos de forma oral assim como na forma escrita. Desta feita, este repertório de palavras vigentes caracteriza o ambiente linguístico no uso desta língua. Portanto, neste capítulo, a nossa abordagem será às questões do léxico guineense: o léxico do crioulo guineense /origem das palavras do guineense e ortografia guineense.

Trouxemos breve contexto histórico da contribuição linguística do Guineense da Alta Guiné para que possamos compreender melhor **o léxico do crioulo guineense e a origem das palavras guineense**. Desta feita, abordaremos sobre o possível surgimento dessa língua entre dois territórios; zona continental (Guiné) onde se desenvolveram/falam várias línguas africanas pertencentes ao grupo níger-congo, assim como a zona insular de Cabo-Verde. De acordo com Freitas (2016):

[...] o termo Guiné se refere à região onde estão atualmente Senegal, Gâmbia, Guiné Bissau, Guiné Conacri e Serra Leoa, países em que são faladas várias línguas africanas (a exemplo do balanta, fula, mandinga, manjaco, papel, wolof, serer) pertencentes ao grupo níger-congo e aos ramos oeste-atlântico e mandê (SILVA, 2008, p. 19 apud FREITAS, 2016, p. 79).

Assim, é possível confirmar que esse termo não é atrelado à atual Guiné-Bissau, mas exterioriza a perspectiva de observação da Guiné-Bissau e havia contacto de línguas africanas antes da invasão europeia. Com a instalação dos portugueses no território, administrativamente a Guiné-Bissau simplesmente funcionava como a província do centro administrativo de Cabo Verde .S Costa (2014, p.45), “[...] após a chegada dos portugueses, houve o início do comércio de escravos e as Praças e os Presídios passaram a constituir na Guiné os principais centros de população, as bases da colonização”.

A partir desse contexto destacado por Costa (2014, p.45), com base na nossa leitura, tornou-se claro e compreensível que por necessidade de comunicação entre primeiros aventureiros europeus (“lançados” ou “tangomas”) e povos africanos, havia mistura biológica, linguística e cultural. Não apenas, como resultado dessa integração, havia a existência de outros elementos como filhos de lançados (filhos de terra ou mestiços e as esposas africanas dos lançados).

No ponto de vista do Costa (2014, p.46), estes compartilhavam o mesmo modo de vida com os nacionais e incorporam em alguns costumes locais. Evidentemente, os lançados

levaram a religião no qual alguns africanos se converteram ao cristianismo. Consequentemente chamados os “grumetes”, posteriormente serviram de auxiliares no processo de comércio de escravos.

Deste modo, a comunicação entre lançados, filhos de terra, as tangomas e os grumetes deu origem ao pidgin português, ou seja, o contato da língua portuguesa com as línguas africanas. O português teria sido produzido e modificado, pois deu origem ao crioulo da Guiné-Bissau. Além disso, no crioulo moderno guineense, há alguns itens lexicais do português do século XVI. Sem dúvidas, o crioulo é como um fruto da miscigenação após a chegada dos portugueses.

Os fatos mencionados chamam atenção aos teóricos, no que diz respeito à formação e à origem do crioulo de golfo da Guiné, a partir do contato principalmente entre o português dos séculos XVI e XVII e línguas africanas. Esse fato será discutido mais à frente.

De acordo com Freitas (2016), o arquipélago de Cabo Verde é formado por 10 ilhas e 5 ilhéus, pois, essas ilhas não eram habitadas, na qual estes espaços foram disputadas pelos europeus, sobretudo italianos e portugueses. (RODRIGUES, 2007, p. 27 apud FREITAS, 2016, p. 75)

Então, algumas ilhas foram tomadas entre 1445-1460 e nessa época constata-se o início do povoamento e a colonização. As ilhas de Sotavento (iniciando-se por Santiago) e as ilhas de Barlavento só serão mencionadas depois porque estavam sob domínio português em 1462. Em outras palavras, segundo Freitas (2016, p. 76):

Os primeiros habitantes de Cabo Verde eram em sua maioria escravos trazidos do continente, sobretudo da região da Guiné [...] de qualquer forma, o fato é que inúmeras populações escravizadas começaram a chegar às ilhas nos primeiros anos de seu povoamento.

Sob o mesmo ponto de vista, as demais ilhas de Sotavento: Fogo, Maio e Brava; Barlavento: primeiro as ilhas de Boa Vista, Santo Antão e São Nicolau; São Vicente e Sal começaram a ser povoadas depois da colonização oficial de Santiago. Com exceção à ilha de Santa Luzia que continua a ser desabitada até aos nossos dias, bem como os ilhéus Rombo, Branco e Raso (FREITAS, 2016).

A ilha de Santiago merecia destaque no período de povoamento das diferentes ilhas de Cabo Verde e a atuação no comércio de escravos, isto é, pela sua situação geográfica (Santiago está a cerca de 650 km da costa da Guiné) recebia os escravizados trazidos do

continente e havia grandes números de habitantes europeus e mestiços que praticavam a comercialização de escravos da região da Guiné.

No entanto, as outras ilhas foram povoadas pela influência da migração das populações do próprio arquipélago na tentativa de fugir do período da seca e fome que assolou essa ilha (Santiago). Só para enfatizar, é preciso atenção quanto ao tempo da permanência dos escravizados na construção do crioulo de Cabo-Verde entre lançados, filhos da terra, tangomas e grumetes. Essa passagem é posta de forma breve como já tinha sido explicada na contextualização da Guiné-Bissau. Dando continuidade, com o decorrer do tempo, o comércio de escravizados entrou em colapso, e precisamente em 1664 é o início do declínio de Santiago. Em 1676, graças às regras estabelecidas que regulam o tráfico, provocou a saída em massa da elite branca cabo-verdiana para a Costa da Guiné.

Em suma, durante a contextualização histórica e linguística, assimila-se a existência do surgimento da língua, segundo a qual todas as línguas crioulas se originam de um pidgin português em uso na costa africana (não obstante, para alguns teóricos, esse tipo de proposta não tem sustentação teórica e empírica). Apesar de existirem diferentes hipóteses levantadas pelos teóricos para explicar o surgimento/origem de língua crioula no Alto da Guiné, ou seja, possivelmente essa língua surgiu de um determinado espaço e foi transplantado a outro espaço.

Dentre as quatro hipóteses apresentadas por Freitas (2016, p. 84), destacam-se duas: Hipótese continental ou guineense. Nessa hipótese, é compreendido que o crioulo surgido no continente foi transplantado para zona insular e foi desenvolvido e deu origem ao kabuverdianu. Segundo Costa (2014, p.47), “O crioulo de base português teria surgido dos contatos entre portugueses e africanos em Cacheu e Geba, na Guiné, e só depois teria sido levado para Cabo Verde.” No entanto, existe uma hipótese que vai analisar a origem do crioulo a partir de zona insular e que dando a origem no continente é o caso da hipótese insular ou cabo-verdiana.

De acordo com a defesa de Costa (2014, p.47), “o crioulo guineense teria se formado em Cabo Verde e posteriormente teria sido levado para a Guiné”. Embora a hipótese insular possua alguns aspectos questionáveis, isto é, o kabuverdianu é homogêneo e seu povo pacífico. Além disso, terem sido encontrados registros do kabuverdianu antes daqueles que se referem ao crioulo da Guiné não significa que podem ser as únicas evidências para explicar estes factos ou de considerar uma hipótese ou a outra como melhor.

Há de se considerar as hipóteses sobre a origem do crioulo na Alta Guiné e são uma das formas para que possamos compreender melhor os contextos históricos e linguísticos, pois a

nossa ressalva sobre esse pressuposto é o caminho à percepção do léxico guineense. Indubitavelmente, a Guiné-Bissau, antes da invasão portuguesa fazia parte de uma região da Alta Guiné, dominada pelo grupo Níger Congo. Certamente, as manifestações linguísticas nessa zona principiaram com contatos das línguas africanas existentes naquela época (balanta, fula, mandinga, manjaco, papel, wolof, serer), as quais exercem possível influência ao desenvolvimento do crioulo nesse espaço.

Visto a chegada dos portugueses no oeste do atlântico, acontece que o guineense teve influência de algumas palavras de português por empréstimo. Apesar disso, é importante enfatizar que essa língua (o guineense) ainda não deixou de ter as palavras que derivam das línguas africanas, pois ela sempre teve sucesso sólido no seu léxico por causa de contatos entre povos de diferentes línguas nativas, assim como a sua evolução linguística na sociedade guineense.

Além desses traços lexicais compulsórios pelas diversas línguas africanas ao guineense, segundo Scantamburlo (1981, p.220), “Depois da Segunda Guerra Mundial o uso do Crioulo Guineense foi proibido nas cerimónias públicas e considerado um entrave ao ensino-aprendizagem do Português”, o que provavelmente contribuiu para que o guineense apresentasse variedade do português no seu léxico. Em outras palavras, o guineense passou por três fases, ou seja, o que Couto (1989, p. 113) vai chamar “o crioulo tradicional, o crioulo aportuguesado e o português acrisolado” e abordaremos essas classificações de variedades com mais detalhes logo na próxima fase deste capítulo.

4.1 O LÉXICO DO CRIOULO GUINEENSE E A ORIGEM DAS PALAVRAS GUINEENSES

É válido afirmar que, a partir da nossa leitura de Scantamburlo (1981), as enunciações do léxico atual do guineense na sua grande parcela das palavras são derivadas do léxico da língua portuguesa, a razão pela qual o guineense é da base lexical português. Em conformidade com Intumbo (2017), citando Chataignier (1963),

O crioulo é uma língua eminentemente africana pela sua estrutura gramatical, mas com léxico europeu. Em relação ao léxico, considera-o de base latina com elementos fonológicos africanos. Dá grande importância ao tratamento fonético no léxico do português. Comparar igualmente a estrutura da sílaba do português (CCVC) com a do crioulo (CV) e relaciona esta última com a estrutura da sílaba do mandinga (CV). (CHATAIGNIER 1963, p.28 apud INTUMBO 2017, p. 29-30)

Verifica-se que a base lexical do guineense é um fenômeno a ser discutido pelos teóricos, mas entende-se que o guineense é uma língua com a sua estrutura própria e não se limita nos registros das palavras com léxico das outras línguas, ou seja, apesar de inúmeras vocábulos de línguas estrangeiras e alguns empréstimos, ela é compreendida, portanto uma língua semelhante a línguas africanas justamente nas suas regras gramaticais; conjugação de verbos e no campo da semântica entre outros.

Pinto Bull (1975, p.7 apud SCANTAMBURLO 1981, p.221) debate acerca "da grande riqueza e a marca africana do Crioulo da Guiné-Bissau." A partir dessas marcas e a estrutura gramatical estabelecida, etimologicamente, as línguas africanas contribuíram com maior porcentagem na formação do léxico do guineense. Tendo em vista esses aspectos, refletimos nas ideias do Couto (1989), como caracterizou as variedades lexicais do guineense para compreendermos as origens das palavras dessa língua. Além disso, é preciso destacar que historicamente o guineense vem se desenvolvendo linguisticamente a partir da construção de grandes cidades administrativas e essas servem como centro da comunicação onde se fortalecem/aperfeiçoam as características lexicais e linguísticas em comum, isto é, com a mudança do poder administrativo e econômico em cada uma dessas cidades, também muda a tendência da centralização comunicativa do guineense. (INTUMBO, 2007, p.10)

No caso da Geba, esta é uma região litoral do rio Geba ao redor de Kansala, capital do reino de Gabu (Bambadinca, Xime, Geba, Porto Gole, Sara Bacar, Pirada e Include). Decerto, nesta região, o grupo social predominante era Balanta, sobretudo nos distritos de Bambadinca, Xime, Porto Gole e Include e, nos restantes distritos (Sara Bacar e Pirada), são dominados pelos Fulas até ao momento atual.

Provavelmente, com os contatos de Fulas e Mandingas com os povos residido nesta região antes da independência do reino de Gabu do Império de Mali até ao declínio do Império Gabu, foram períodos do marco importante do desenvolvimento do guineense ("kiriol di djiba", que significa crioulo de Geba), ou seja, houve uma forte influência das línguas nativas na construção da variedade crioulo de Geba. Segundo Scantamburlo (1981), citando o historiador George Brooks (a data é incerta)⁸, "Com a destruição da potência mandinga no Gabú na famosa batalha em Kansala, entre os anos 1864 e 1867 [...] iniciou-se uma forte imigração Fula no território da Guiné-Bissau".

⁸ Grifo do autor Scantamburlo (1981, p. 12)

Em função dos elementos destacados, entende-se que, há muitos anos, os mandingas, que dominavam e o poder da influência, culminaram em todo território. Por consequência dessa época, várias palavras do guineense provêm das línguas nativas africanas, por exemplo:

Malan: Origem mandinga (significa “estrangeiro”)

ka- Origem Bantu- (significa partícula negativa)

Iran: Derivada da língua Bijagó "Irandé"- (Significa “espírito inferior a Deus”)

Blanha: Origem pepel (Significa “arroz” ou “alagamento”).

Além desses exemplos referentes ao trabalho desse autor (SCANTAMBURLO, 1981), trouxemos algumas palavras da nossa pesquisa sobre a origem das palavras guineenses, eis elas:

Konosaba: derivada da língua mandinga e fula, isto é, essa palavra tem prefixo “kono” que em mandinga tem diversos significados: referente a “ventre” (a barriga), um tipo de peixe (no contexto da Guiné-Bissau chamado de “peixe-sapato”), interior de uma coisa (de uma casa, de um balde etc) e roupa de baixo.

Ao passo que o prefixo “Saba” na língua fula significa um pequeno tecido. Desta feita, “Konosaba” em guineense significa pequeno tecido, usada na cultura guineense pelas mulheres como a roupa de baixo.

Dê: derivada de mandinga. Prefixo usado no fim da frase, geralmente aparece depois do verbo e ele destaca o imperativo ou um vocativo quando a pessoa tem a pretensão de enfatizar ou intensificar o que está sendo impresso. Nesse caso, “dê” em guineense compartilha a mesma função na frase indicando a emoção, ordem ou suplicar.

“Nanandê”: palavra mandinga que significa (venha! ou venha por favor). “No baidê kau di Malam” (vamos à casa de Malam!)-suplicar; “ Darmadê kil yagu na tchon” (joga a água no chão!)- ordem; “Yorna ta jugadê” (O Yorna joga bem)- emoção.

Silo-diata: Origem mandinga. Significa caminho saudável e no guineense “Silo-diata” significa “ônibus”

Sele: derivada do léxico da língua Balanta “**sele bisonho ou sele**” (peixe-pequeno ou peixe). Em guineense um outro significado “**sele**” (peixe-fumado).

Mantchukut: palavra citada num trecho da música intitulada (Baliera) de grande grupo Super Mamadjombo: “Antoninhu ku ta salba bida, si n’bibi **mantchukut** na salba alma⁹...(Golfinho é salva mar, também tem significado de salva vida, se eu bebi água estagnada salvarei a alma). Este trecho é provérbio dentro da música para explicar a sofrência

⁹ Extração e tradução nossa.

do personagem masculino. **Mantchukut** (água estagnada/sujo) é uma palavra figurante a personalidade da concubina, isto é, mesmo sendo traído pela sua concubina, ele prefere continuar naquela relação.

Na mesma música, aparece uma outra palavra muito importante num outro trecho que diz assim: “ora ku mancebu sta tristi, i ta nota i tene flema ku kasabi. Es i baliera ku na **surbati**¹⁰...” (quando mancebo está triste, é notório ele tem fleuma com desgosto. Essa daí é a concubina que está consumindo-o aos poucos). Portanto, o **surbati** significa consumir aos poucos, mas na linguagem do dia-a-dia essa palavra vai ter o mesmo significado com a tendência de consumir algo líquido (água, leite, café, entre outros.).

As duas últimas palavras destacadas têm a origem do guineense de Geba (crioulo de Geba), pois as músicas do grupo Super Mamadjombo, em sua maioria foram escritas pelo Adriano Gomes Ferreira, vulgo Atchutchi, e na sua composição ele costuma trazer palavras do guineense pertencente a essa variação (crioulo de Geba ou crioulo fundo desenvolvida em Cacheu, Farim e Bolama).

Conclui-se que existem algumas palavras desse idioma que não se relacionam a línguas africanas e nem tanto ao léxico das outras línguas europeias. Com a chegada dos portugueses na Guiné-Bissau, o guineense começa apresentando neologismo semântico, utilizando léxico da base do português e acreditamos que essa variação foi o resultado do domínio linguístico sobre os povos nativos, e até influenciou neologismo por meio do empréstimo das línguas, como destacou Scantamburlo (1981):

-empréstimos ao Português arcaico: (Vocábulos da Náutica)

Kamba, v., do termo náutico “cambar” [*mudar de um bordo para outro as velas duma embarcação*]; no Português moderno houve uma mudança semântica e “cambar” significa [*andar com as pernas tortas*]. No Crioulo Guineense “kamba” é um vocábulo polissêmico com os significados de [*passar de uma margem para a outra / saltar para cima da cama / pôr-se (o sol) / passar de uma coisa para outra*].
11

É possível afirmar que no guineense em caso dos vocábulos da náutica, assim como vocábulos do cristianismo, as palavras do empréstimo apresentam várias significações e nem sempre têm o mesmo sentido da palavra de origem. Exemplo “Kriston”, derivada do cristianismo, dentro da frase: “ami i **kriston** di djiba” significa eu sou cristão batizado de Geba. Nessa frase, a palavra destacada possui várias significações no guineense, como tais:

¹⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7rUYFvZ2IEg>, Acesso: 27 de mai. de 2022

¹¹ São grifos do Missionário italiano Luigi Scantamburlo (1981, p.98.)

Eu sou falante do crioulo de Geba; Sou civilizado de Geba ou sou de grupo social “Pepel e kabuverdianu” de Geba.

Em Cacheu, esse processo do empréstimo se verifica no período colonial entre 1641 a 1834 e, numa segunda fortificação do comércio dos escravizados de 1842 a 1853. Obviamente a região era predominada pelos Manjacos, Mancanhas e Felupes, por este motivo, havia uma derivada do guineense com a influência dessas línguas denominado “crioulo de Cacheu”. Do mesmo jeito, aconteceu em Bolama (língua predominante Bijagós, Beafada), durante 1870 até 194, período da transferência da capital de Bolama para Bissau. (DUARTE, 2006, p.04). Durante a guerra de luta pela independência, o guineense avançou bastante na construção do seu léxico e planejamento linguístico. Posteriormente, após a independência, o guineense deu o primeiro passo na proposta no uso de letras e sinais gráficos na sua escrita. Houve ainda a publicação de textos literários nesta língua, a qual será melhor debatida em nosso segundo capítulo.

4.2 ORTOGRAFIA GUINEENSE

É notório que a ortografia se trata de uso correto de letras e sinais gráficos na escrita de um idioma. Mas, no caso do guineense, ainda não existe elaboração de uma parte gramatical que se preocupa com o uso adequado para escrever certas palavras. Certamente, por questões etimológicas ou históricas, há palavras com as regras para o uso de “k”, “U”, “Tchu” e “Dj” no guineense que talvez por causa dos empréstimos do português moderno ou do léxico aportuguesado tornou-se mais difícil compreender a grafia dessa língua.

Em conformidade com Costa (2004 p.99), o crioulo possui 25 segmentos que são 18 consoantes e 7 vogais, isto é, segmentos fonológicos consonantais e vocálicos da língua. Costa explicou alguns pares mínimos a fim de entender as unidades específicas dos conceitos: Os alofones, os ditongos e formas fonológicas.

Quadro 2¹²

| | Bilabial | | Labiodental | | Alveolar | | Palatal | | Velar | |
|-----------|----------|-------|-------------|-------|----------|-------|---------|-------|-------|-------|
| | - voz | + voz | - voz | + voz | - voz | + voz | - voz | + voz | - voz | + voz |
| Oclusiva | P | b | | | t | d | | | K | g |
| Nasal | m | | | | n | | ɲ | | ŋ | |
| Fricativa | | | f | v | s | z | | | | |
| Africada | | | | | | | tʃ | dʒ | | |
| Lateral | | | | | l | | | | | |
| Vibrante | | | | | r | | | | | |

Fonte: (COSTA, 2004, p.99)

A partir dessa perspectiva fonológica, foi realizada ou baseada a tradução bíblica evangélica em 1954, alguns grafemas apresentam fonemas considerados importantes para o estudo da ortografia do guineense e devem ser analisados. Desta feita, para melhor compreensão das formas ortográficas usadas pela Sociedade Bíblica no Côte d'Ivoire (SBCI), apresentamos as representações dos fonemas nas palavras ou nos grafemas.

Nas palavras que começam com fonema africado palatal sonoro /dʒ/, as suas representações escritas são “c efna j’odʒɛ] -oca = quando; [odʒaʔ]-ojal = o vejo [‘dʒugu] - *Jugu* = jogo, assim como a africada palatal surdo /tʃ/ a representação escritas é “C” [‘tʃora] - *cora* = chorar [‘tʃubɛ] - *cuba* = chuva.

Ao passo que na tradução de novo testamento da Bíblica católica (TNTC) em 1991, os grafemas são representados de acordo com a leitura de fonemas, ou seja, os escritores da igreja católica representam os fonemas mais próximos da ortografia fonética portuguesa. Desse modo, tudo virou diferente dos que foi apresentado pela SBCI. Para ilustrar, expõem-se algumas dessemelhanças consoante o quadro abaixo.

¹² Para o inventário fonológico das consoantes, cf. COSTA, 2004, p.99).

Quadro 3¹³

| Palavras portuguesas | Transcrições fonéticas | SBCI (1998) | TNTC (1991) |
|----------------------|------------------------|-------------|-------------|
| Quando | [‘odʒɐ] | Oca = dz | Otcha =tʃ |
| O vejo (vrb: ver) | [‘odʒaʃ] | Ojal | Odjal |
| Jogo | [‘dʒugu] | Jugu | Djugo |
| Chorar | [‘tʃora] | Cora | Tchora |
| Chuva = ʃ | [‘tʃubɐ] | Cuba - ‘c’ | Tchuba |
| Amanhã | [ma`ɲa] | Maña - ‘ñ’ | Amanha |
| Quente | [kɛti] | Kinti - ‘k’ | Quinti |
| Senhor | [se`ɲɔr] | Siñor | Sinhor |
| Jerusalém | [jɛruza`lɛ] | Jerusalen | Jerusalém |
| É (vrb: ser) | [ɛ] | E | É |

Fonte: Pefna Luís Tchuda (TCHUDA. P. L 2023)

Em suma, algumas características já abordadas no 2.2 do nosso capítulo II (A importância de uma grafia uniforme do guineense) e esses dois quadros transmitem a noção aos estudos fonológicos dos consoantes na ortografia do guineense importantes. Logo, partimos desses pressupostos básicos e identificamos os grafemas de cada tradução, pois, possivelmente podem ser uniformizados para que a grafia guineense pudesse ter uma única escrita.

¹³ Adaptação nossa.

5 CAPÍTULO IV: A COLETA E AS ANÁLISES DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos o resultado da nossa pesquisa a partir da coleta e das nossas propostas sobre planejamento linguístico Guineense e a organização de grafia da língua guineense. A pesquisa realizada é do tipo quantitativa e é feita a partir da avaliação de dados recolhidos. Por isso, está em foco analisar as variedades da grafia do guineense a partir do contexto sociolinguístico de cada entrevistado/a.

Nesse sentido, elaboramos cinco perguntas para realizar a nossa entrevista, cujos participantes foram pessoas de faixa etária e de sexos diferentes. Conseguimos 03 (três) pessoas na faixa de trinta a quarenta anos, 07 (sete) de vinte a vinte nove anos e 04 (quatro) de quinze a dezenove anos de idade. No total foram 14 (quatorze) participantes, quatro do sexo feminino e dez do sexo masculino. Alguns participantes são estudantes do ensino médio e, a maior parte, são do ensino superior, pois grande parte da nossa pesquisa foi feita com os estudantes universitários.

Assim sendo, as perguntas foram enviadas por email para os participantes que respondiam por escrito. Em alguns casos, optamos por enviar o questionário por aplicativo de rede social whatsapp, para facilitar a comunicação. Por certo, o nosso grupo alvo usa o aplicativo whatsapp com mais frequência, o fato que nos permite a recolha de dados mais rapidamente e com facilidade.

Quatro entrevistados/as estavam na Guiné-Bissau, sendo que uma é moradora de Canchungo, região de Cacheu, e os três restantes são da origem de grupo social (línguas nativas) distintas e moradores de diferentes bairros do Setor Autónomo de Bissau (SAB) capital do país. Também entrevistamos duas pessoas que moram em Portugal, uma moradora no Porto e a outra em Lisboa. Os/as demais, são estudantes moradores de São Francisco do Conde-Bahia e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês. Portanto, os/as participantes da pesquisa escreveram as respostas em guineense e nós fizemos as traduções para português.

Ressaltamos que perguntamos sobre “crioulo” para os entrevistados, e não sobre “guineense” na nossa segunda pergunta do questionário porque acreditamos que isso ia nos aproximar da realidade dos participantes, porque o conceito de “guineense” ainda não é popularizado e tem mais a ver com as questões acadêmicas que estamos trazendo neste trabalho. Caracterizando como “crioulo guineense” – e não apenas “guineense” – evoca aquilo que é considerado popularmente como uma língua da união nacional, ou seja, a língua veicular entre falantes das línguas nativas e que teve papel importante na luta pela

independência e na formação da identidade nacional. Apesar de que muitos se identificam com essa língua, mas preferem chamá-la de crioulo não o guineense.

Além disso, chegamos à ideia do conto, na nossa quinta pergunta, com a proposta de verificar as produções escritas em guineense e o resgate da memória da oralidade africana, enquanto forma de ensinar e aprender, a partir de um conto tradicional. Assim poderíamos perceber como que, na escrita “livre”, os/as participantes manifestariam um saber popular da oralidade através da modalidade escrita da língua, ou seja, de que forma e quais escolhas fariam para escrever as palavras que sabiam previamente no campo oral.

Portanto, as perguntas que fizemos estão descritas abaixo:

- A primeira pergunta pretende coletar informações sociolinguísticas dos/as participantes: “Qual a sua língua materna?”
- A segunda, pretende coletar dados pessoais, especificamente a idade do/a entrevistado/a e aquisição de aprendizagem do guineense: “Com quantos anos aprendeu a falar o crioulo?”
- A terceira, visa obter dados pessoais do/a entrevistado/a, o letramento na língua portuguesa e concretamente a questão da faixa etária: “Com quantos anos aprendeu a falar a língua portuguesa?”
- A quarta, pretende coletar aspectos relativos da linguagem do/a entrevistado/a que são condicionados e favores sociais do país, assim temos: “Qual a língua que mais usa em casa, ou seja, quando está na Guiné-Bissau?”
- Logo, na quinta, a demanda era que os/as entrevistados/as produzissem um texto (um conto tradicional) escrito em guineense: “Escreva em crioulo um conto tradicional de Guiné-Bissau que você aprendeu com pessoas mais velhas.”

Nos quadros que se seguem, apresento as respostas dos participantes para cada pergunta feita. Dessa forma, a visualização dessas respostas facilitará a análise realizada quanto à grafia do guineense.

Quadro 4 - Coleta de dados

| PERGUNTA 1 - Qual a sua língua materna? | |
|--|---|
| Participante 1 | A minha língua, etnia “pepel”. |
| Participante 2 | Balanta |
| Participante 3 | Mandjaku |
| Participante 4 | Kriol |
| Participante 5 | Crioulo |
| Participante 6 | Nha língua materna i criol (minha língua materna é o crioulo) |
| Participante 7 | Crioulo |
| Participante 8 | A minha língua materna é fula |
| Participante 9 | Nha língua materna i criol (minha língua materna é o crioulo) |
| Participante 10 | Minha língua materna é o Crioulo guineense. |
| Participante 11 | Nha língua materna i kriol. (minha língua materna é o crioulo) |
| Participante 12 | Criol (crioulo) |
| Participante 13 | Nha Materna ou ki nta papia ki facilidade i guineense/kriol. (minha materna ou ki eu falo com facilidade é o guineense/crioulo) |
| Participante 14 | Nha língua materna i kriol (minha língua materna é o crioulo) |
| Participante 15 | |

Fonte: Pefna Luís Tchuda (TCHUDA. P. L 2021)

É perceptível que na Guiné-Bissau existem as línguas africanas, as quais são as primeiras línguas de comunicação de determinados grupos sociais. Desta feita, procuramos entender a partir da nossa pesquisa qual língua a pessoa se considera como a sua língua materna, dentre os 14 (quatorze) participantes como podem ser verificadas nos quadros anteriores. Primordialmente, no primeiro quadro, 71,42% dos participantes têm o guineense como a língua materna, 7,145% têm a Balanta como a língua materna, 7,145% declararam que Mandinga é a língua materna e para finalizar, 7,145% têm o Pepel como a língua materna, 7,145% de Fula como a língua materna.

Quadro 5 - Coleta de dados

| PERGUNTA 2 - Com quantos anos aprendeu a falar crioulo? | |
|--|--|
| Participante 1 | Já tinha contato com crioulo entre 7 a 10 anos, mas só que não era tão bom ou fluente. |
| Participante 2 | Como três (3) anos de idade. |
| Participante 3 | Na bardadi, nka lembra. (na verdade não me lembro) |
| Participante 4 | Desde a minha infância. |
| Participante 5 | Não respondeu |
| Participante 6 | N'aprendi papia criol ku 4 a 5 anos. (aprendi falar crioulo com 4 a 5 anos) |
| Participante 7 | Da infância (ele foi a língua do primeiro contato). |
| Participante 8 | Com 1 ano de idade. |
| Participante 9 | N'aprendi papia criol aproximadamente ku 3 anos pá dianti. (aprendi falar o crioulo aproximadamente com 3 anos para frente) |
| Participante 10 | Não sei ao certo, mas acredito que eu já compreendia e falava algumas coisas desde um e alguns meses. Também fui para jardim infantil aos 3 anos de idade. Acredito que já tinha uma quantidade significativa de léxico para aprender e falar para poder ter acesso a escola infantil. |
| Participante 11 | Mpensa ku duz ano, pabia kriol i primeiro língua ku nsibi papia, embora i foi simultâneo ku balanta. (Penso com dois anos, porque crioulo é o primeira língua com que aprendi falar, embora foram em simultâneo com a balanta) |
| Participante 12 | Otchan ku 1 anu i 8 mis. (quando eu tive 1 ano e 8 meses) |
| Participante 13 | Ami mprindi guineense desde otcha mininu, i prumeiru língua ke sinan papia. (eu aprendi guineense desde da minha infância e a primeira língua que me ensinaram falar) |
| Participante 14 | N'kunsa ku papia kriol desde pikinino. (comecei falar crioulo desde da infância) |

| | |
|-----------------|--|
| Participante 15 | |
|-----------------|--|

Fonte: Pefna Luís Tchuda (TCHUDA. P. L 2021)

Além disso, compreendemos que uma língua sendo como a língua materna não precisa de ser aprendida, a pessoa nasce falando essa língua, ou seja, apreender falar uma língua é um processo de adquirir algum conhecimento sobre esse idioma. Portanto, no quadro 05: 71,42% aprendeu a falar o guineense com faixa etária de 01 (um) a 04 de idade, 14,28% aprendeu a falar o guineense com de 5 (cinco) a 10 (dez) anos de idade, 7,145% não sabe explicar o ano e 7,145% não respondeu. Com esses dados, nos permite entender quão é importante essa língua na construção sociolinguística da sociedade guineense.

Quadro 6 - Coleta de dados

| PERGUNTA 3 - Com quantos anos aprendeu a estudar língua portuguesa? | |
|--|--|
| Participante 1 | A partir de 10 a 12 anos, quando estava na primeira classe. |
| Participante 2 | Como sete (7) anos de idade |
| Participante 3 | Entri 11 i 12 anus (entre 11 e 12 anos) |
| Participante 4 | 8 |
| Participante 5 | 2 Ou 3 anos (na escola) |
| Participante 6 | N'aprendi studa língua purtuguis ku 6 a 7 anos. (aprendi a estudar com a língua portuguesa com 6 a 7 anos) |
| Participante 7 | Com 5 a 6 anos |
| Participante 8 | Com 4 anos de idade. |
| Participante 9 | N'aprendi estuda língua portuguesa ku 5 anos di idadi. (aprendi estudar língua portuguesa com 5 anos de idade) |
| Participante 10 | Desde os 3 anos de idade foi melhorando com o tempo. |
| Participante 11 | Ku 7 anos, pabia ku es idade ku nkunsa bai escola (com 7 anos, porque com essa idade iniciei ir a escola) |
| Participante 12 | Ku 5 anu (com 5 anos) |
| Participante 13 | Di 6 anus. Ami nkunsa studa língua purtuguis desde purmeru mumentu ki nkunsa bai skola, a partir (De 6 anos. eu iniciei a estudar língua portugues desde primeiro momento que comecei indo |

| | |
|-----------------|--|
| | a escola) |
| Participante 14 | Nkunsu ku studa purtuguis ku cinco ano. (comecei a estudar portugues com cinco anos) |
| Participante 15 | |

Fonte: Pefna Luís Tchuda (TCHUDA. P. L 2021)

Desta feita, fizemos o inverso com a língua portuguesa na terceira perguntas pertencente a sexto quadro e deparamos com esses resultados: 21,42% aprendeu a falar a língua portuguesa de 01 (um) a 04 (quatro) anos e 78, 57% aprendeu a falar a língua portuguesa com 5 (cinco) a 10 (dez) anos de idade, isso implica que essas pessoas aprenderam a língua portuguesa com a idade de acesso à escola.

Quadro 7 - Coleta de dados

| PERGUNTA 4 - Qual a língua que mais usa em casa, ou seja, quando está na Guiné-Bissau? | |
|---|---|
| Participante 1 | Alguns anos atrás, era a minha língua étnica, porque passava um bom tempo na região (Biombo) e depois que cheguei Bissau o crioulo passou a ser a língua de casa. |
| Participante 2 | É o Crioulo |
| Participante 3 | Crioulo. |
| Participante 4 | Kriol |
| Participante 5 | Crioulo. |
| Participante 6 | Língua ku n'mas ta uza na casa ou ku n'mas ta uza odja n'sta na Guiné-Bissau i criol. (A língua que eu mais uso em casa ou que eu uso mais quando eu estava na Guiné -Bissau é o crioulo) |
| Participante 7 | A língua crioula |
| Participante 8 | É o crioulo |
| Participante 9 | Língua k n'mas ta usa na casa ou odjan n'sta na Guiné-Bissau i criol. (A língua que eu mas uso em casa ou eu estava na Guiné -Bissau é o crioulo) |

| | |
|-----------------|---|
| | |
| Participante 10 | Crioulo guineense, sempre. |
| Participante 11 | Ami nta usa mais língua kriol, além di kuma i língua ku mais tene domínio nel i língua tambi usado pa maioria di djintes ku fasi parte di nha círculo di amizade. (eu uso mais a língua crioulo, além de ser a língua que eu tenho mais domínio também é a língua usada na maioria das pessoas do círculo da minha amizade) |
| Participante 12 | Criol (crioulo) |
| Participante 13 | Na Guiné-Bissau, guineense i uniku lingua kinta utiliza na kasa. (Na Guiné-Bissau, guineense é a única língua que eu utilizo em casa) |
| Participante 14 | Língua ku n mas usa i kriol. (A língua que mais uso é o crioulo) |
| Participante 15 | |

Fonte: Pefna Luís Tchuda (TCHUDA. P. L 2021)

Em suma, nesse quadro 07, 100% dos participantes usam o guineense com mais frequência em casa, ou seja, quando estão na Guiné-Bissau.

Quadro 8 - Coleta de dados

| PERGUNTA 5 - Escreva em crioulo um conto tradicional de Guiné-Bissau que você aprendeu com pessoas mais velhas. | |
|--|---|
| Participante 1 | Kobra ku misty kirsi i tem ku sukundi si kabesa (A Cobra que pretende crescer deve se esconder) |
| Participante 2 | <p style="text-align: center;">Djiresa de Tchoca</p> <p>És i Tchoca ku Lebre, é na mostra nghutru kin ku mas djiro. Tchoca fala Lebre pa i kumpanhal kua ti si Dona, mas na kaminho Tchoca kunsu conta Lebre ke ku e ka dibidi fasi na caminho.</p> <p>-I fala Lebre no na tchiga na um lagua mas iagu di kil lagua kata bibido, kin ku bibil ina muri.</p> <p>Odja é tchiga lagua, sede iagu tene elis, logo, tchoca fala Lebre kuma anel di si dona pirdi na kil lagua, i bai buscal logo i miti kabesa</p> |

na iagu i bibi, mas Lebre notal kuma i bibi iagu pabia si bico modja, Lebre tam bibi iagu.

Tchoca punta Lebre: bu bibi iagu?

Lebre rispundil: abo tam bu bibi iagu pabia bu bico modja.

É kontinua caminhada, Tchoca fala mas Lebre kuma ina tchiga na um mato, mas , Melga tchiu la mal, mas ninguim ka pudi mata Melga la pabia i sagrado, Lebre falal i sta bem.

Odja i tchiga la, Melga kunsu murdi elis riso, logo Tchoca fasi plano pa pudi serca melga na si kurpo, i fala Lebre sin tchiga kau di nha Dona na pidil citi, pam nghunta li, ku li, ku li. Logo assim sta na bati na diferenti parti di si curpo de ku melga na murdil nel.

Lebre suma i nota de plano de Tchoca, i falal tam: ora ku Dona patiu, buta patim tam pam nghunta tam li, ku li, ku li. El tam i konsigui mata melga na si kurpo,

Tchoca falal mas Lebre bu mata Melga na bu kurpo,

Lebre tam rispundil mas abo tam bu mata Melga na bu kurpo.

Logo, Tchoca fala Lebre afinal bu djiro tam n'pensa ba kuma mas tudo animal djiro. Assim ku Tchoca sibi kuma el i ka animal mas djiro na mato.

A esperteza da Perdiz

Era uma vez a Perdiz e a Lebre estão competindo, quem é mais esperto. A Perdiz falou a Lebre para lhe acompanhar na casa da sua avó, no caminho a Perdiz começa a explicar a Lebre as coisas que eles não deviam fazer a caminho.

-Falou a Lebre, chegaremos numa lagoa, mas a água daquela lagoa não pode ser bebida, quem a bebeu morrerá.

Quando chegaram à lagoa, ficaram com sede. Logo a perdiz falou de novo a Lebre que o anel da avó dela tinha perdido naquela lagoa e ela foi buscá-lo, logo meteu a cabeça na água e bebeu, mas a lebre reparou que ela bebeu a água, porque o bico dela molhou, a Lebre também bebeu a água.

A Perdiz perguntou a Lebre: Bebeste a água?

A Lebre lhe respondeu: Tu também bebeste a água, porque o

| | |
|----------------|--|
| | <p>seu bico está molhado.</p> <p>Continuaram a caminhada, a Perdiz falou a Lebre que vão chegar num matagal onde tem melgas em abundância, mas ninguém pode matá-las porque o lugar é sagrado. A Lebre lhe falou, tudo bem.</p> <p>Quando chegaram lá, as melgas começaram a picar, logo a Perdiz fez plano para poder sacudir melgas no seu corpo e falou a Lebre: Se eu chegasse a casa da minha avó, vou lhe pedir óleo para que possa passar aqui, aqui e aqui. Nesse caso, ela fica batendo nas partes do seu corpo onde as melgas estão lhe picar.</p> <p>A Lebre, como percebeu do plano da Perdiz e disse também: quando a sua avó o te deu, que me ofereça para passar aqui, aqui e aqui. Ela também conseguiu matar as melgas no corpo.</p> <p>A Perdiz falou à lebre: tu mataste as melgas no seu corpo!?</p> <p>A Lebre lhe respondeu: mas tu também mataste as melgas no seu corpo.</p> <p>Logo, a Perdiz disse: Lebre, afinal tu és esperta também, eu pensava que sou a mais esperta de todos os animais. Assim foi como a Perdiz sabe que ela não é a animal mais esperta da floresta.</p> |
| Participante 3 | <p>Katchur ku santchu e yara ba ermons di mesmu familia, desdi kumsada di mundu (nomi so ku bin diferencia elis) un dia, odja tchuba na tchuby ba risu, santchus sta ba ku friu i, e djubi pa ladu de kasadias i odja fugu na yardi na fugon di un jintis (pekaduris). Assin chefi di santchus dicide manda un di kil santchus pa i bai pidi fugu pa e pupi bin kenta kurpu ke el.</p> <p>Na bardadi, santchu ku faladu pa i bai pidi fugu, i sta ba ku medu, ma i mara koragen iria di pó i bai pa bai pidi fugu. Otcha ki intchiga la, mindjer ku sta ba na fugon, odjal kuma ki sta, (i sta ba kolontchidu i tambi tene ba fomi), logu mindjer patil bianda, dipus di santchu kumi, i sinti i sabi, i nega djanan riba pa matu, ou mindjor, leba fugu pa si ermons.</p> <p>I passa fika na kasa juntu ku pekaduris. I, pabia di es oportunidadadi, di fika na kasa, santchu (mininu di mandadu) ka misti</p> |

| | |
|----------------|---|
| | <p>pa si kumpanheris tene tambi oportunitadi di kumi bianda i fika na kasa suma el. Assin, i resolvi ta ladra kontra si ermons (santchus), ora ki i odja elis.</p> <p>Logu i dissa di sedu ou tchomadu santchu i, passa ta tchomadu katchur... Pabia di si susu kabeça (ladra) i ingratesa kontra si ermons.</p> <p>Cachorro e Macaco eram irmãos da mesma família, desde gênese do mundo (os homens que lhes diferenciam), um dia quando chovia com grande intensidade, Macaco estava com frio e, observaram nas vizinhanças a fogueira que ardia na cozinha de uns indivíduos (humano). Assim, o Chefe dos macacos decidiu delegar um deles para pedir o fogo para que pudessem esquentar o corpo.</p> <p>Na verdade, o macaco que foi delegado para pedir o fogo estava com medo, mas ganhou a coragem e desceu da árvore e foi pedir o fogo. Quando chegou lá, a mulher que estava na cozinha, o observou como que ele estava (ele estava desgastado, também tinha fome), logo a mulher lhe oferece a comida, depois do macaco comeu e achou a comida uma delícia, recusa de voltar para floresta, ou seja, de levar o fogo aos irmãos.</p> <p>Ficou em casa junto dos humanos. É por essa oportunidade de ficar em casa, o macaco (menino do mandado), não quer que os companheiros tenham a oportunidade de comer a comida, também de ficar em casa como ele. Assim, resolveu latir contra os irmãos quando os viu.</p> <p>Logo, deixou de ser ou chamado de macaco e passou a ser chamado cachorro...por causa da sua infelicidade (latir), ingrato aos seus irmãos.</p> |
| Participante 4 | <p>Na tempus cu limarias ta papia ba cu pecuduris, um dia dinote na um tabanca cu ca muito lundju cu Bissau,um mindjer garandi sinta cu si neto ina mimal pa i pudi cala di tanto tchora cu kila sta ba nel, lubu sta ba na passa na kil tabanca i di repente i obi mindjer papia cu si neto:</p> |

| | |
|----------------|--|
| | <p>- Sibú ca para cu és artimanha na tchoma lubu pa i bim cumeu!</p> <p>Lubu obi kil combersa, i dicidei panti bas di um pé di mandjendje ina sucuta hora ku mindjer talbes na bim tchomal. Di repenti i torna obi mas mindjer fala si neto:</p> <p>- Cala bó, si lubu bim li é pó di tapado cu na mucutial quel!</p> <p>Lubu exclama i fala pa si cabeça: Ami gossi nkata ntindi pecaduris, alguim ta papia um cusa, di um bocado ita bida i papia utru cusa,pera n´continua na ferferi talbes ina balim.</p> <p>Na época que os animais falavam com os humanos, uma dia pela noite numa aldeia (zona rural) ao redor de Bissau, uma idosa sentada com o seu neto e tava dando carinhos para evitar o choro que ele tava causando, lobo estava passando naquela aldeia de modo repentino, ouviu a mulher conversando com o neto:</p> <p>- Se tu não paras de chorar com essa artimanha, vou chamar o lobo para ti comer!</p> <p>O lobo ouviu aquela conversa, decidiu descansar debaixo de uma árvore “mandjendje” (fruta comestível na Guiné), escutando a mulher talvez ela vai lhe chamar. Inesperado,ouviu de novo a mulher conversando com o seu neto:</p> <p>- Se acalma, se o lobo chegou aqui, este bastão da cerca que vou lhe dar surra.</p> <p>O Lobo exclamou e falou como ele mesmo: eu agora não entendo</p> <p>os humanos, a pessoa fala uma coisa, do nada ela fala a outra, deixa eu continuar a minha caça talvez beneficiária.</p> |
| Participante 5 | Não respondeu |
| Participante 6 | <p>"Tempu di fomi"</p> <p>Lubu ku lebre staba na passa um grandi mumento di fomi ku sé fidjus, na kil tempo lubu tené quatro fidjus, lebri tené 5 fidjus, um dia é sinta ena fassi calculo di kuma ké pudi otcha carne pá kumé, di lá lubu tchiga um concluson i fala lebre:</p> <p>-Suma bu tené 5 fidjus nó mata um son nó kumé assim nota npata quatro-quatro.</p> |

Lebre falal: -não nkana fassi kila!

Um dia lubu pera lebre sai logo i toma um fidju di lebre i mara na sacco pá bai bindi na matadur, logo i sai djubi caminho caso lebre kana bim, i acalia lebre bim caminho diferente i tchiga só casa i tursi logo si fidju rapada voz i grita. -Mamã ali tiu lubu maram na sacco!

Logo lebre tira si fidju, dipus i toma fidju di lubu i mara boca ikaba i mitil na mesmo sacco ikaba i bai sugundi riba di cancri di casa. odja lubu riba casa i tchiga só i lambu i leba i bai bindi, i riba pá casa i odja lebre i fala lebre.

-Aós nbai fassi surni é pagam dinheiro.

Lebre falal: - bu fassi bom kusa nó bai kumpra arrus panó bim kuzinha panó kumé ku mininos!

É bai dipus é kuzinha hora di kumé é tchoma mininos pá é bim kumé, um di fidju di lubu ka odjadu. Logo lubu strana i Punta lebre: -anta nha fidju?

Lebre rispundil: -odja nsai di ianda-ianda n'odja ina tchora bah dentro sacco npuntal Kim ku pul lá i falam iabó.

Logo lubu ranka miskinha ina tchora.

Lebre puntal: - keku na tchora?

I rispudi lebre: -nmata nha fidju!

Lebre falal: -ammh bu sintil na pele és i futis contra futcero, li ku storia kaba.

A época de fome

O Lobo e a Lebre estavam passando um grande momento de fome com os seus filhos, naquela época o lobo tinha quatro filhos e a lebre teve 5 filhos. Um dia sentaram e fazendo cálculos como vão achar carne para se alimentar, no momento o lobo surgiu com uma ideia e disse a lebre:

-Como tu tens 5 filhos, matamos um e comemos, assim ficamos empatar quatro-quatro.

Lebre lhe disse: não, não vou fazer isso!

Um dia lobo esperou quando saiu lebre, pegou um dos filhos

| | |
|----------------|---|
| | <p>da lebre, o amarrou e lhe colocou no saco para vender no matador, logo saiu para observar o caminho se a lebre está se retornando, aconteceu que a lebre veio da direção diferente mal chegou deu um tose o filho reconheceu a voz e gritou: - mamãe aqui no saco o tio lobo me amarrou!</p> <p>Logo, lebre tirou seu filho, amarrou a boca do filho de lobo depois o colocou no mesmo saco e foi escondendo em cima da casa, quando voltou o lobo para casa, levantou o saco e o levou para vender, ao regressar achou a lebre e disse:</p> <p>-Hoje, fui fazer um expediente e ganhei dinheiro.</p> <p>A lebre lhe respondeu: fez coisa boa, vamos comprar arroz para cozinhar e para que possamos comer com as crianças!</p> <p>Foram, cozinham, no momento de almoço chamam as crianças para virem comer, um dos filhos do lobo desapareceu. Logo o lobo estranhou e perguntou a lebre: cadê o meu filho?</p> <p>A lebre lhe respondeu: Quando voltei do meu corre achei o seu filho dentro de saco, ele estava chorando e lhe perguntei e falou que foi você.</p> <p>Logo, lamentou o lobo e começou a chorar!</p> <p>A lebre o perguntou: porque estás chorando?</p> <p>Respondeu a lebre: matei o meu filho!</p> <p>A lebre lhe disse: hummm chegou na pele, foi o feitiço contra o feiticeiro e acabou a história.</p> |
| Participante 7 | <p>Tudu katchuris era ba santchus</p> <p>Keku akontissi i dikuma, santchus fasi rinion na matu odja firiu na kansaba elis, i dissidi dikuma ena nvia undelis pabin busca fugu na kasadias pe pudi bata bai kenta kel na matu.</p> <p>I era ba na mis di dizembru, enton, odja e manda unson delis i kalha i era dia 26 di dizembro na sambransa di natal, i dia ku geralmenti kumida ta sobra tchiu.</p> <p>ki santchu tchiga i odja kumida patchari i kume tipu tipu di pratus i dissidi logu kuma i kana riba matu pabia la ikata otcha ba ki tipu di kumida.</p> |

| | |
|----------------|--|
| | <p>Manera ki tarda gos ku pekaduris na kasa i rabida i muda ika muito parsi santchu i passa ita tchomadu katchur.</p> <p>Kila ku manda katchur ku santchu kata fila, pabia santchu ta djubil suma traidur el ita djubi santchu sumu tulu (pabia ki fika na matu i kana bim kasa).</p> <p style="text-align: center;">Todos Cachorros eram macacos</p> <p>O que aconteceu era o seguinte, macacos fizeram reunião na floresta quando frio estava lhes cansando, e decidiram que enviarão um deles para vir buscar fogo onde mora os humanos, para que pudessem se esquentar na floresta.</p> <p>Era no mês de dezembro, então quando enviaram um deles ao acaso foi no dia 26 de dezembro um dia depois do natal e esse dia geralmente a comida sobra em grande quantidade.</p> <p>Aquele macaco chegou e achou a comida por todo lado e comeu todos tipos de pratos e ele decidiu logo que não voltará à floresta porque nunca ele achava aquele tipo de comida.</p> <p>De forma que ele demorou com os humanos em casa e não tinha tanta aparência com os macacos, pois passou a ser chamado cachorro.</p> <p>Por isso o cachorro com o macaco não têm boa relação, porque o macaco o vê como traidor e ele acha o macaco como tolo (porque ficou na floresta e recusou vir em casa).</p> |
| Participante 8 | <p style="text-align: center;">História di lubu,lebrí ku Aranha</p> <p>É bai festa lubu ka tene roupa e muito menos forma de txiga na kau di festa. Nbom, Aranha paci bom corson e tira linha e kumpu barku e kambanta lubu ku lebrí pa bai mati festa. Dipus na metadi di tudo djintes lubu bai tira Aranha siguiridu kuma kumpu barku.</p> <p style="text-align: center;">História do Lobo, a Lebre e Aranha</p> <p>Eles foram à festa, o Lobo não tinha roupa e muito menos forma de ir no lugar da festa. Então, a Aranha de aparência de bom coração e tirou a linha e construiu barco e Lobo com a Lebre fizeram a travessias, participaram na festa. Logo depois, no meio ou diante de</p> |

| | |
|-----------------|---|
| | <p>todas as pessoas, o lobo divulgou o segredo da Aranha sobre a construção do barco.</p> |
| Participante 9 | Não respondeu |
| Participante 10 | <p style="text-align: center;">Storia di baka kabra ku katchur...</p> <p>I tem ba um festa garandi na utru tabanka, ndé ku é tris limarias kumbidadu. É bai, festa kuri dritu, é brinka. Otcha sol mansi é dibidi riba pa sé tabanka, karu sta ba difícil, ma é bin konsigui um son é mbarka, otcha é sta ba na kaminhu pa bai, amparanté kunsá kobra passadju di kada kim.</p> <p>É kunsá na baka, el i paga i tornadu si trocu tudu dritu, i tchiga bés di kabra pa paga i salta i kuri pabia i perto badja sé tabanka i ka paga, pa ultimu é kobra katchur, i tira dinheru i paga, ma amparanté ku raiba di kabra i ka torna katchur si trocu i rianta kila di karu kila fika i na ladra pa tornal si dinheru.</p> <p>Ku pui até aos, si baka odja karu na strada i kata kuri, i ta ramanga tok, karu ta peral i passa pa i kunsá ranka pabia i ka dibi kilas i ka medi, katchur até aos ta kuri tras di karu i na ladra pa i tornadu si dinheru, logo kabra, sempri si odja karu i ta kuri pabia i dibi kilas i ka paga.</p> <p style="text-align: center;">Estoria da Vaca, Cabra e Cachorro...</p> <p>Havia uma grande festa numa outra vila onde esses três animais são convidados. Eles foram à festa e foi muito divertido. Quando amanheceu e deveriam voltar para suas aldeias, o transporte era difícil, mas conseguiram um que os transportou, durante a viagem o cobrador iniciou a cobrança a cada um.</p> <p>Começou com a vaca, ele pagou e foi devolvido os trocados direitinho, chegou a vez da cobra para pagar ele se jogou e fugiu na pequena floresta próximo da sua aldeia, a última era cobrar cachorro~ele tirou o dinheiro e pagou, mas o cobrador aflito com a situação da cobra não devolveu o troco ao cachorro, ao descer ficou latindo para que o cobrador lhe devolver o seu dinheiro.</p> <p>Por isso até hoje, se a vaca se cruzou com o carro na estrada,</p> |

| | |
|------------------------|---|
| | <p>ela não foge sempre desfila, o carro espera ela passar porque a vaca não a dívida com ele, cachorro até hoje corre atrás do carro latindo para ser devolvido o seu dinheiro, logo a cobra, sempre se ele viu o carro ela foge porque ela o deve e não pagou.</p> |
| <p>Participante 11</p> | <p>Es i Lubu, Onça ku Cobra. E sta ba na vivi na mesmo casa, pabia e sedu ba grandis amigo. Enton, e dicidei popa nghutru di tarbadju di busca cumida. Logo e reuni di kuma cada kim na bata bai montia um dia, si consigui, tudo bem i si ka consigui tambí sim problema. Enton, Lubu dicidei bim ku utru proposta, di kuma pa cada kim conta ke ku i ka gosta del.</p> <p>Cobra kuma el i ka gosta di chaticha ou barudju, Onça kuma malandrisa i Lubu kuma pergunta. Assim, e kunsá se atividades. Cobra ku Onça ta tisi ba pa casa algo ku e consigui, mas Lubu kata tisi nada na si dia. Sempre i ta cume disil el son, dipus i volta pa casa mom limpo.</p> <p>Onça ka pudi i puntal: Lubu anos tudo no ta tisi cumida na no dia, mas abo sempre bu kata tisi nada. Ke ku bu ta bai na fasi si bu bai montia?</p> <p>Lubu ruspundi: Ami nfala ba dja di kuma, nka gosta di pergunta.</p> <p>Onça ruspundi na kil utru lado: Ami tambí nfala ba dja di kuma, nka gosta di malandrisa.</p> <p>Enton, na se discuson e caba pa gueria i e lantada barudju. Onça na força cabanta mata Lubu i massa Cobra i fural bariga, logo cobra reagi i tchuputi Onça, veneno entra na curpo di Onça. Assim, elis tudu e caba pa murri.</p> <p>Era uma vez, o Lobo, a Onça e a Cobra estavam vivendo na mesma casa porque eram grandes amigos. Então, decidiram se poupar uns aos outros, do trabalho, da busca da comida. Logo, reuniram, decidiram que cada um terá seu dia da caça, se conseguiu, tudo bem e se não conseguiu também sem problema. Então, o Lobo decidiu trazer a outra proposta, que cada qual explica o que ele não</p> |

| | |
|-----------------|---|
| | <p>gosta.</p> <p>A cobra disse que ele não gosta de chatice ou barulho, a Onça disse da malandragem, o Lobo disse da pergunta. Assim, começaram as suas atividades. Cobra com a Onça sempre trazem para casa algo que conseguiram, mas o Lobo nunca trouxe nada no seu dia. Sempre que consegue, ele começa a sua caça e depois volta para casa com a mão abanada.</p> <p>A Onça não aguentou, perguntou ele: -Lobo, todos nós trouxemos a comida no nosso dia, mas, tu sempre trouxeste nada. O quê que tu faz caso foste a caça?</p> <p>O lobo respondeu: Eu falei a vocês que não gosto da pergunta.</p> <p>A Onça respondeu no outro lado: eu também já falei de que não gosto da malandragem.</p> <p>Então, nas suas discussões não dava para evitar a guerra com o barulho que teve. A Onça com tanta força matou o Lobo, pisou na Cobra e estourou a barriga logo a Cobra reagiu e o picou, a Onça mal disposto por veneno. Assim todos eles acabaram de morrer.</p> |
| Participante 12 | Nka lembra di nin 1. (Não me lembro de nenhum) |
| Participante 13 | <p style="text-align: center;">SAPATERU</p> <p>I tem ba um home muito koitadi i era kusidur di sapatu, tudu dia dipus di saiba di kusi sapatu ita ruma mininus disi rua pa djunbai, ita toka ba viola i mininus ta kanta, isi minhdjer kusinha ita kume ki tudu mininus, ku tudu si koitadeça ita viviba muito kontenti. Pertu des omi i mora um omi mas riku di kil terra, ki disidi pati omi koitade um saku di dinheiro.</p> <p>Es omi riku ta kumpanha. omi koitadi fika kontenti na kil dia i serka tudu mininus kita brinka ba kel,utru dia i tchoma si minhdjer i falal, no kumpra um ponta pano sumia mangu, kadju, goiaba, banana ki utru kusas.</p> <p>Minhdjer tambi falal, no faci nan ofisina nha ermon i mekânico asim ina tarbadja la nona ganha manga di dinheru. Asim eka ntindi nghutru duranti kil dia eka papia.</p> |

| | |
|-----------------|--|
| | <p>I passa um dia minhdjer tchoma si omi i falal, no torna es dinheru pasi dunu pabia disna ki danu el nota djustia tudu dia, atchanu koitadi nunka no djustia. omi seta na utru dia e torna omi si dinheru e kontinua na vivi na paz ki kontentamentu.</p> <p style="text-align: center;">SAPATEIRO</p> <p>Tinha um homem muito pobre e era sapateiro, todos os dias depois de consertar calçados ele arrumava as crianças da sua rua para uma roda de conversa, ele tocava violão e as crianças cantava, e a sua mulher cozinhava e comia com todas as crianças, com toda pobreza ele vivia feliz. Perto desse homem, morava um homem mais rico daquela cidade, que decidiu oferecer ao homem pobre um saco de dinheiro.</p> <p>Esse homem rico acompanhava, o homem pobre ficava contente naquele dia e afastava as crianças que costumava divertir com ele, no outro dia chamou a sua esposa e lhe disse, vamos comprar uma fazenda cultivaremos a mangueira, cajueiro, goiabeira, bananeira com outras coisas.</p> <p>A esposa também lhe falou, construímos uma oficina meu irmão e os mecânicos trabalham lá, ganharemos muito dinheiro. Assim, não se entenderam naquele dia, não se conversaram.</p> <p>Passou um dia, a esposa chamou o marido e lhe disse: “Devolvemos esse dinheiro ao seu dono, porque desde o momento que ele o nós deu, não nós entendemos o dia todo, quando éramos pobres nunca trocamos a fala”. O marido aceitou, no outro dia devolveram o dinheiro ao homem rico e continua vivendo na paz com felicidade.</p> |
| Participante 14 | <p style="text-align: center;">Lubu, Katchur ku Djurto.</p> <p>Um dia dinoiti Lubu tene fomi i sai pa bai buska kusa di kume na chapa, odja ku ina ferferi i odja Katchur tambi sai pa bai buska di kume, suma fomi tene ba Lubu i kusa serka Katchur e kuri te na GSM, Djurto sta ba la ina buska di kume, odja ku i odja Katchur pasa ku n bruta di velocidade i sibi kuma algun kusa sta tras di kila.</p> <p>Odja i pasa trinta segundos i odja Lubu pasal tambi, Djurto ka</p> |

| | |
|-----------------|---|
| | <p>piridi tempo i sai tras di Lubu. Lubu na serka Katchur djurto na serka lubu e bai toku e tchiga no bar fotbonh Lubu fala Katchur:</p> <p>- Katchur djingui dimi ku di bo i brinkadera ba, ma es ku sta tras i di bardadi!</p> <p>Katchur djinguil i coco tris bias. Lubu ku djurto continua na serka nghutro. E bai toku e perto nhepete Djurto konsigui sapa um pe di Lubu.</p> <p style="text-align: center;">O Lobo, Cachorro e Djurto</p> <p>Um dia pela noite o Lobo tinha fome e saiu à busca de algo para comer na Chapa, chegando e rabiscando achou o Cachorro também que saiu à busca da comida, como o Lobo estava com fome começou ataque ao Cachorro e correram até em GSM, o Djurto estava lá procurando o di comer, quando passou o Cachorro com muita velocidade ele sabia que alguma coisa estava atrás dele.</p> <p>Passou trinta segundo ele viu também o Lobo passando, Djurto sem perda do tempo saiu atrás do Lobo. O Lobo atrás de Cachorro, Djurto atrás do Lobo, foram até chegando no bar fotbonh o Lobo disse ao Cachorro:</p> <p>- Cachorro, me deixa passar o nosso era brincadeira, mas o que trás é de verdade!</p> <p>Cachorro o deixou e cagou três vezes. O Lobo e Djurto continuaram a caça uns aos outros. Foram até aproximando nhepete Djurto conseguiu levar uma perna do Lobo.</p> |
| Participante 15 | |

Fonte: Pefna Luís Tchuda (TCHUDA. P. L 2021)

Portanto, gostaríamos de analisar as ortografias apresentadas nos contos tradicionais guineenses contadas pelos participantes da nossa pesquisa. Em função dos elementos destacados, constatamos diferenças enormes nas características ortográficas do guineense produzido e reparamos que as escritas dos participantes são influenciadas fortemente pelo léxico, neologia por meio de empréstimos das palavras sobretudo da língua portuguesa.

Sob o mesmo ponto de vista, para certos teóricos, o guineense desse tipo de característica é considerado “guineense moderno” e para alguns, o guineense está sendo aportuguesado cada dia mais, uma vez que a sua grafia não é uniformizada, continua sofrendo alterações, ou seja, a neologia por meio de empréstimo é averiguada na grafia com grande frequência, isto é, devido a influência do domínio da escolarização em língua portuguesa.

Com um intuito ilustrativo, escolhemos um dos contos para servir de base para nossos comentários e passamos a analisar o léxico de um dos contos escritos pelos informantes desta pesquisa. O conto escrito pelo segundo participante é um texto com 301 (trezentos e uma) palavras, das quais 47 (quarenta e sete) são escritas tal qual a ortografia portuguesa:

Quadro 9 - As características ortográficas do guineense produzido no conto

| Palavras com a mesma grafia/significado em português | Número de vezes no texto |
|---|---------------------------------|
| Lebre | 16 |
| Afinal | 01 |
| Anel | 01 |
| Animal | 02 |
| Bico | 01 |
| É | 02 |
| Mostra (v. mostrar) | 01 |
| Caminho | 01 |
| Caminhada | 01 |
| Conta (v. contar) | 01 |
| Logo | 03 |
| Plano | 02 |
| Melga | 05 |

| | |
|-----------------|----|
| Mato | 02 |
| Tudo | 01 |
| Um | 01 |
| Sede | 01 |
| Lá | 02 |
| Mata (v. matar) | 03 |

Fonte: Pefna Luís Tchuda (TCHUDA. P. L 2023)

Quadro 10 - Análise do léxico e vocábulos das palavras

| Léxico/Vocábulos derivados de português | Número de vezes no texto | Significado no guineense |
|--|---------------------------------|---------------------------------|
| Kim (Loc. pronominal. Quem) | 02 | Quem (qualquer um) |
| Mas (adv. mais) ¹⁴ | 04 | Mais |
| Fala (v.falar ou dizer) | 04 | Falou/ diz |
| Kumpanhal (v.acompanhar) | 01 | Acompanhou-lhe |
| Kaminho (caminho) | 01 | Caminho |
| Lagua (lagoa) | 04 | Lagoa |
| Bibido (v. beber) | 01 | Bebido |
| Bibil (v. beber) | 01 | O bebeu |
| Bibi (v. beber) | 01 | Bebe/ Bebeu |
| Muri (v. morrer) | 01 | Morre |
| Tchiga (v. chegar) | 03 | Chegar |

¹⁴ No texto essa palavra aparece várias vezes como advérbios de quantidade não como a conjunção

| | | |
|--------------------------------------|----|-----------------------------|
| Pirdi (v. perder) | 01 | Perdeu |
| Bai (v. ir) | 01 | Vai ou “i bai ba” (ele foi) |
| Buscal (v. buscar) | 01 | Buscá-lo |
| Miti (v. meter) | 01 | Mete |
| Kabeça (sb.Cabeça) | 01 | Cabeça |
| Iagu (sb. água) | 06 | Água |
| Modja (v. molhar) | 02 | Molhou /mlhou |
| Rispundil (v. responder) | 02 | Respondeu-lhe |
| Kontinua (v. Continuar) | 01 | Continua |
| Fasi (v. fazer) | 01 | Fazer |
| Kurpo (sb.m Corpo) | 03 | Corpo |
| Curpo (sb.m Corpo) | 01 | Corpo |
| Diferenti (adj. diferente) | 01 | Diferente |
| Parti (sb.f Parte) | 01 | Parte |
| Murdil (v. morder) | 01 | Morder |
| Konsegui (v. conseguir) | 01 | Conseguir |
| Pensa ba (p.imp do v. pensar) | 01 | Pensava |
| Bati (v. bater) | 01 | Bater |
| Notal (v. reparar/ descobrir) | 01 | Descobriu-o |

Fonte: Pefna Luís Tchuda (TCHUDA. P. L 2023)

Fatos importantes a destacar neste texto são seguintes:

1. As confusões nos sinais gráficos e nas possíveis escritas das palavras, ou seja, nas letras que constituem o alfabeto do guineense.

Exemplos:

“bu mata Melga na bu **curpo**” (Tu matastes a melga no seu corpo);

“Mas abo tam bu mata Melga na bu **kurpo**”. (Tu também matou as melgas no seu corpo).

“**É** na mostra nghutru kin ku mas djiro”. (Eles estão competindo, quem é mais esperto).

“Tchoca kunsu conta Lebre ke ku **e** ka dibidi fasi na caminho” (A Perdiz começava a explicar a Lebre as coisas que **eles** não deviam fazer a caminho).

Lembrando que as letras K e C podem representar o mesmo fonema em português quando se juntam às vogais a, o, u. Mas, segundo as formas ortográficas usadas pela Sociedade Bíblica no Côte d’Ivoire (SBCI), a letra C teria o fonema [tʃ] diferente da letra K [k]. Apesar de que, em algumas propostas, sobretudo quando se trata do guineense aportuguesado na sua grafia, a letra C é vista na maioria das vezes nas palavras com o fonema [k] não como [tʃ]. Desta feita, trouxemos as traduções bíblicas feitas de diferentes entidades religiosas em comparação com a grafia do guineense tradicional e as grafias contemporâneas:

- a) “Oca ke sai na yagu, Spiritu di Siñor rabata Filipi. Funsionariu ka ojal mas. I kontinua si kamiñu, kontenti.” (Atus 8:39) (SBCI 1998, p. 117)

“E, quando saíram da água, o Espírito do senhor arrebatou a Filipe, e não o viu mais o eunuco; e, jubiloso, continuou o seu caminho”. Atos 8: 39 Sociedade Bíblica do Brasil (2009, p.100)¹⁵

- b) “Contra ê sai di iago, Espírito di Senhor rábata Filipe, i quil funcionário ca tornodjal mas, i continua si biás cu contentamento garandi”. (Atos di Apóstolos 8-39 a) (TNTC 1991, p. 291)

“Quando saíram da água, o Espírito do senhor arrebatou Filipe. O eunuco não o viu mais e prosseguiu sua viagem, cheio de alegria” (Atos dos Apóstolos 8:39. Bíblia Sagrada em português Diocese de Bissau, 2016, p.1353)

SALTON KUSI MINJER

KA BO CORA INDA

- c) ¹⁶Un minjer sai pa da paña salton na roda di mar. I ciga, i paña salton manga del, i fia na korda. I bin pafia un salton e fia na korda. Minjer di salton sai, i oja si orne, i ba

¹⁵ Bíblia Sagrada, versão Revista e Corrigida na grafia Simples, Tradução de João Ferreira de Almeida

cora janan la na metade di tarafe. Ina cora, i na cora, i fala si orne ku pañado, i na cora. (COUTO, 2008, p. 117)

O SALTÃO
E A MULHER
NÃO É A HORA DE CHORAR

“Uma mulher sai para ir apanhar saltões à beira-mar. Apanha muitos e a medida que os apanha enfia-os numa corda. A certa altura surge a mulher de um saltão que, ao ver o seu homem na corda, corre aos gritos para o meio do tarrafe.” (tradução do autor)

É notório que, para as versões da grafia do guineense, existem a ortografia comum entre a tradução Sociedade Bíblica no Côte d’Ivoire (SBCI) e o chamado (crioulo tradicional), na representação do vogal U no final das palavras no lugar do vogal O, “kamiñu” (caminho), “Funionariu” (funcionário).

Assim como apresentam fonemas [k], [tʃ] e África do palatal sonoro /dz/ destacados no capítulo anterior sobre uso das letras na ortografia guineense. Além disso, averiguar-se a representação do nasal palatal “ñ” na representação do dígrafo “nh” nas palavras, “kamiñu” (caminho), “Señor” (senhor), “pañã” (panhar) e “pañado” (apanhado).

De ponto de vista diferente, nas formas ortográficas do guineense representadas pela tradução da Tradução de Novo Testamento da Bíblica Católica (TNTC 1991, p. 291), algumas palavras são escritas como na língua de original (Espírito, funcionário, Atos, Apóstolos, contentamento e continua). Ademais, essa tradução manteve a representação da letra C do fonema [k] nas palavras, ou seja, houve a ausência da representação gráfica nas palavras com a letra K.

Portanto, na análise feita a partir da nossa pesquisa, nota-se que esse fenômeno da representação do fonema [k] com a letra C é visto de forma acidental, ou seja, como a grafia guineense não é padronizada, pelo menos existe uma língua dominadora (português), em vários casos a sua grafia interfere na formação do guineense sem dar de conta. Na verdade, em todos os textos escritos pelos nossos participantes, verifica-se a representação das letras K nas palavras com mais frequência que a da letra C. Tal como acontece com mais frequência o uso de vogal U no final, sobretudo na neologia das palavras por meio do empréstimo.

Em suma, certas características gráficas do guineense tradicional ou crioulo antigo (cora [tʃora] (chorar), oca [otʃa] (quando), ciga [tʃiga] (chegar), oja [odʒa], (olhar), rikuñisi

¹⁶ Um dos textos das coletâneas consideradas como exemplificação do crioulo tradicional foi publicado na França por M. Emilio Giusti (cf. GIUSTI 1981). A outra foi publicada em Bolama (Guiné-Bissau), por MONTENEGRO/MORAES (1979).

[rikuñisi] (reconhecer), em nenhum momento apareceram nos textos dos participantes e faz acreditar que essas deixaram de ser usadas nas novas literaturas por causa da influência e a evolução linguística do português na sociedade guineense.

Mas, apesar de ter a base lexical portuguesa, as grafias do guineense devem ser produzidas pensando na própria ortografia, dicionário e a sua gramática. Em outras palavras, a organização da grafia do guineense em 1987 pelo Ministério da educação, cultura e Desporto adotando o fonema /k/ como a letra [k], foi um dos passos importantes do planejamento de status sobre o guineense. Segundo seguinte regra, “as palavras que eram escritas com as letras “c, ca, co”, agora escrevem-se com a letra ‘k’, como “ku, ko, ku” Ministério da Educação, Cultura e Desporto (1987, p. 4 apud SCANTAMBURLO 2013, P. 247).

Diante disso, a nossa análise será compreendida com as propostas do Estado no sentido de ter a autonomia própria de seu alfabeto e longe da semelhança à grafia portuguesa. Apesar de que as propostas de Scantamburlo e a tradução da igreja católica são diferentes na representação do fonema /k/ por letra [c] como em português. Neste sentido, favorece a semelhança gráfica do guineense com a escrita da língua portuguesa e conseqüentemente a grafia do guineense com o tempo estará em extinção.

Nesse sentido, entende-se que existem diferentes formas de escrever na língua guineense e possivelmente essas variações são derivadas da influência das línguas nativas, assim como aquele guineense que é falado nas zonas rurais com um timbre da cultura da língua dominante. Nesse caso, refere-se ao domínio das categorizações semânticas, lexicais e morfológicas.

Além disso, nessa grafia, em algumas situações, ainda se encontram influências do guineense tradicional (crioulo fundu¹⁷, crioulo de Geba, Cacheu e de Bolama), assim como a ortografia influenciou com a tradução das duas entidades religiosas: tradução bíblica da igreja evangélica e a tradução de Novo Testamento da igreja católica.

Ademais, as características da oralidade, sobretudo na colocação no velar nasal [ŋ], concederam ao guineense uma particularidade na escrita das palavras. Por exemplo: em “ñdjata” (enjeitar), ‘nati’ (posição de cócoras), e em vários casos da construção de estrutura silábica, esse fonema é escrito com elevado apóstrofo (ŋ’), isto é, no caso apareceu na primeira sílaba.

¹⁷ O Crioulo Fundu do léxico antigo, ou seja, variantes usadas pelos falantes mais velhos, diferente ao léxico mais moderno, o chamado “lebi” (leve), com os seus numerosos neologismos, falado sobretudo pelas novas gerações de falantes.

Dessa forma, ainda é primordial significar que o planejamento de corpus pode ser desenvolvido como o modelo da escrita adotado pelo Ministério, considerando que grande parcela de texto literários, produções científicas seguiram a essa mesma regra da grafia do guineense, logo será fácil a padronização dessa língua.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de pesquisa consiste em um estudo com intenção de contribuir com o público, ao permitir ampliar o conhecimento acerca do mundo da grafia do guineense, em que determinado indivíduo consegue desenvolver uma variedade de pontos de vista, saber em que contexto cada escrita se encaixa.

Além disso, não deixa de possuir uma relevância, uma vez que foi realizada uma pesquisa deste gênero, que servirá como suporte aos estudos acadêmicos e ajudará as gerações vindouras que possivelmente terão o interesse em pesquisar acerca deste mesmo tema, e sobretudo uma pessoa pertencente a este povo. Por isso, foi importante a nossa proposta para estudar sobre este tema, Planejamento Linguístico na Guiné-Bissau: considerações sobre a organização da grafia da língua guineense.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral identificar tipos de grafias nas esferas que geram comunicação na língua guineense. Porquanto, constata-se que o objetivo geral foi atendido, porque efetivamente o trabalho conseguiu demonstrar que tipos de grafias existem na comunicação na língua guineense.

O primeiro objetivo específico igualmente fora contemplado por essa pesquisa acadêmica, que era conhecer a história e o surgimento da grafia guineense (questões lexicais e origem das palavras). Ele foi desenvolvido de acordo com o procedimento da nossa pesquisa, no qual resgatamos o contexto histórico sociolinguístico e as influências das línguas no léxico do guineense, assim como as origens das palavras. Bem como, o segundo objetivo específico, que era analisar as possíveis formas de escritas que existem nessa língua e isso foi atingido, dessa forma, facilitou o andamento na organização e análise dos dados coletados.

Ademais, é possível destacar que, nessa pesquisa, partiu-se da hipótese da resolução da política linguística no país, na questão de poder e da língua. Porque, até data presente, ainda hoje não existe uma grafia padronizada para essa língua, que seja adotada por todos, enquanto a primeira língua mais falada do país.

Sendo assim, por mais que existam alguns trabalhos produzidos em guineense, ainda está tendo discussão enorme e difícil na decisão na padronização dessa língua. Desta feita, a hipótese foi confirmada durante o trabalho e verificou-se a existência da política linguística portuguesa, assim gerou pouco interesse por parte do Estado (governo) na uniformização das grafias do guineense e elaboração dos planejamentos para adoção dessa língua no sistema do ensino.

Para a realização desse estudo, foi utilizada a metodologia dedutiva, pois partimos de alguns conceitos teóricos e em seguida, foram realizados estudos de dados. Acerca da organização do corpus, faz-se necessário salientar que foram recolhidos dados de forma qualitativa, pois partimos do questionamento do objeto geral, fizemos o estudo do caso para compreender o fenômeno encontrado na pesquisa em que produzimos e, a partir daí, demos início à produção da pesquisa em questão acerca como surgiu a grafia guineense.

Diante da metodologia proposta, percebeu-se que o trabalho poderia ter sido feito com uma coleta de dados com a quantidade de vinte ou mais pessoas, já que nesse trabalho diante da limitação geográfica e o impedimento no momento do confinamento durante a pandemia em 2020, só foi possível entrevistar uma população pequena o que resultou em 14 participantes.

Assim, os dados coletados foram interpretados no desenvolvimento da nossa pesquisa, relacionando-os com as referências teóricas. Nesse sentido, realizamos uma pesquisa de campo, analisando as semelhanças e diferenças, também analisando o critério que guiou as grafias das escritas da Tradução da Bíblia Sagrada evangélica do português para o guineense; da Tradução do Novo Testamento da Bíblia Católica; o guineense antigo ou tradicional e a grafia moderna do guineense escrito pelos mais jovens.

REFERÊNCIAS

- AUGEL, Moema Parente. **A nova literatura da Guiné-Bissau. República** da Guiné-Bissau. Editora Guinégráfica Bissau e Editora Escolar, 1998.
- BÍBLIA no Crioulo da Guiné-Bissau Sociedade Bíblica no Côte d'ivoire, 1998, London, England, 1954, 1967, 1972.
- COSTA, Paula Mendes. **Descrição Fonológica Do Crioulo Guineense RECIFE**: da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE),2014
- COUTO, Hildo Honório. O crioulo guineense em relação ao português e às línguas nativas. **Linguística**. v. 29, n. 1, p. 107-128, 1989.
- COUTO, H. H. EMBALÓ.F. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP. **Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**: Número 20, 2010.
- EMBALÓ, Filomena. **O crioulo da GUINÉ-BISSAU: Língua nacional e factor de identidade nacional**. (França). **PAPIA** 18, 2008.
- FREITAS, Shirley. **Contribuições linguísticas cabo-verdiana e sefardita na formação do papiamentu São Paulo**: universidade de são paulo.2016.
- INTUMBO, Incanha. **Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português**. 2007. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Línguas em Contacto: Pidgins, Crioulos e Semi- Crioulos, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, p.10,17, 2007.
- LAGARES, X. C. **Qual Política Linguística?** Desafios Glotopolíticos Contemporâneos. São Paulo: Parábola 2018.
- NAMONE, D. **Educação tradicional e moderna na Guiné-Bissau e o impacto da língua portuguesa no ensino**: caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tombali. 2020. 346p. Tese (doutorado em Ciências Sociais), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.
- SCANTAMBURLO, Luigi (2013). **O Léxico do crioulo Guineense e as Relações com Português: O Ensino Bilíngue Português-Crioulo Guineense**. Faculdade de Ciência Sociais e Humanas. Universidade de Lisboa
- SEVERO, Cristine Gorski. **Política(s) Linguística(s) e Questões de Poder**. Alfa, São Paulo, 57 (2): 451-473, 2013.
- THIONG'O, Ngûi. Entrevista com Ngûgĩ wa Thiong'o. **Cad. Trad Florianopolis**: v. 38, nº 1, p. 261-268, jan-abr, 2018.
- TRADUÇÃO de novo testamento **da bíblica católica** (diocese de Bissau) em 1991.